

**FACULDADES INTEGRADAS “CAMPOS SALLES”**

**Curso de Administração**

**EDUCAÇÃO FINANCEIRA INFANTIL SEU  
IMPACTO NO CONSUMO CONSCIENTE**

**Débora Hilário Pereira**

**Franci Molico Feitosa**

**Marcos Rogério Silvério**

**Rafaela Carina de Sousa**

**São Paulo  
2009**

**Débora Hilário Pereira**  
**Franci Molico Feitosa**  
**Marcos Rogério Silvério**  
**Rafaela Carina de Sousa**

# **EDUCAÇÃO FINANCEIRA INFANTIL SEU IMPACTO NO CONSUMO CONSCIENTE**

Trabalho de Curso apresentado na Faculdade  
Campos Salles como pré-requisito para obtenção  
do título de Bacharel em Administração.

**Orientador: Prof. Ms.Sérgio Antonio dos Santos**

**São Paulo**  
**2009**

Educação financeira infantil e seu impacto no consumo consciente /  
Débora Hilário Pereira...[et al.] São Paulo, 2009.  
xi, 75 f.; 30 cm.

Trabalho de Curso de Graduação (Bacharelado) – Faculdades  
Integradas “Campos Salles”. Curso de Administração

Orientador: Prof. Ms. Sérgio Antonio dos Santos

1. Educação Infantil. 2. Educação financeira infantil. 3. Consumo  
Consciente I. Pereira, Débora Hilário, II. Feitosa, Franci Molico, III.  
Silvério, Marcos Rogério, IV. Sousa, Rafaela Carina de V. Santos,  
Sérgio Antônio dos VI. Título.

CDU – 658 (043.3)

Autores: Débora Hilário Pereira, Francí Molico Feitosa, Marcos Rogério Silvério,  
Rafaela Carina de Sousa

Título: Educação financeira infantil seu impacto no consumo consciente.

Trabalho de curso como requisito para obtenção do título de Bacharel em  
Administração, nas Faculdades Integradas "Campos Salles".

CONCEITO: \_\_\_\_\_

DATA APROVAÇÃO: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

PROF. ORIENTADOR:

\_\_\_\_\_  
Prof. Ms. Sérgio Antonio dos Santos

COORDENADOR DE CURSO

\_\_\_\_\_  
Prof. Ms. Lino Sidney Gavioli

## **Agradecimentos**

Este é o momento de registrar os agradecimentos às muitas pessoas que participaram direto ou indiretamente da realização deste trabalho, que torna impossível relacionar todas sem cometer omissões. Entretanto algumas pessoas precisam ser mencionadas.

O **Grupo** agradece

Ao Senhor Deus, que iluminou nossos pensamentos para que pudéssemos redigir este trabalho da melhor forma possível e pela bênção neste momento em que concluímos mais um ciclo em nossas vidas

Ao nosso orientador, Prof. MS.Sérgio Antônio dos Santos. Obrigado por acolher esta pesquisa com tanta dedicação e competência, pelo constante incentivo, sempre indicando a direção a ser tomada nos momentos de dificuldade. Sua atenção e dispêndio de tempo para conosco foi de fundamental importância. Iniciamos como sementes plantadas em meio a um terreno pedregoso, mas com paciência e atenção tornou-nos um terreno fértil para sobrepujarmos nossas limitações na confecção e conclusão deste.

Aos especialistas que de maneira especial, abriram suas portas para que esse projeto de pesquisa fosse concluído.

A Daysa - irmã da Débora, pela inspiração na escolha do tema e pelo apoio na escrita. Nosso muito obrigado!

Em particular os membros deste grupo agradecem:

### **Débora**

Reforço o agradecimento a minha irmã pela sua constante presença no decorrer do desenvolvimento deste trabalho, enriquecendo com suas idéias e críticas que foi de grande valia. Por cumprir todos os meus compromissos e suprir todas as minhas ausências em casa e igreja. Você é sensacional!

A minha mãe pela preocupação, dedicação e por aturar todos os finais de semana esse grupo em casa, fazendo comidas gostosas. Ao meu pai, por me apoiar em todos os momentos, mesmo quando estive distante. Amo vocês!

A todos aqueles que sentiram minha falta, neste período de quase reclusão. Foi importante saber que pessoas pelo qual tenho grande estima preocupam-se comigo. Muito obrigado!

Ao grupo de trabalho por entender quando não podia comparecer aos encontros. Muitos sucessos para vocês.

### **Franci**

A todos que me acompanharam nessa jornada. A meus pais João e Margarete, meus irmãos Keilly e Hugo, aos meus amigos que de alguma forma contribuíram para que esse trabalho se concluísse, em especial gostaria de agradecer, nessa oportunidade, minha amiga e irmã Rafaela integrante do grupo, que com toda sua paciência e sabedoria não só me ajudou nessa jornada, mas também contribuiu para que eu me tornasse uma pessoa melhor.

### **Rafaela**

Agradeço aos meus pais, pela dedicação, preocupação e paciência em nos acompanhar na elaboração desse trabalho, vivenciando e apoiando nossos esforços. Amo muito vocês!

Ao meu irmão pelas dicas de elaboração e desenvolvimento do trabalho, principalmente pela paciência. Muito obrigado!

A todos os meus amigos, que sentiram a minha ausência durante a elaboração deste trabalho e tiveram a compreensão desta fase em minha vida. Vocês são demais!

### **Marcos**

A minha esposa Ivanete e meu filho Eduardo, em especial, pela paciência e compreensão, quando de minhas ausências para dedicar-me a esta pesquisa. Obrigado pelo carinho. Amo vocês!

A meus amigos Alessandra Gomes, Nilson Candido, Neilson Marques e Tatiane Reis que compartilharam os medos, tristezas, alegrias sempre me dando forças e por torcerem por minhas conquistas. Vocês são especiais!

“Apesar dos nossos defeitos, precisamos enxergar que somos pérolas únicas no teatro da vida e entender que não existem pessoas de sucesso e pessoas fracassadas. O que existem são pessoas que lutam pelos seus sonhos ou desistem deles.”  
Augusto Cury

PEREIRA, D.H.; FEITOSA, F.M.; SOUSA,R.C., SILVÉRIO, M.R. A educação financeira infantil e seu impacto no consumo consciente – São Paulo, 2009, 75 p.: Monografia de bacharelado - Faculdades Integradas Campos Salles. Zona Oeste.

### Resumo

Na sociedade atual, dominada pelo sistema capitalista onde predomina o “ter” em detrimento do “ser”, soma-se ainda a mídia, que com suas diversidades de mensagens e imagens, se aproveita da vulnerabilidade da criança com o propósito de formar novos consumidores, e elas em fase de desenvolvimento não conseguem entender o caráter persuasivo destas mensagens o que as torna consumidoras desenfreadas. Assim, fundamentalmente, esta parece ser uma grande oportunidade para discutir a questão da educação financeira, ferramenta que servirá, não para tornar as crianças “financistas”, mas se aplicada desde cedo, pode construir as bases, para que na vida adulta esta criança venha a lidar bem com o dinheiro, não se tornando mais um consumista compulsivo. Diante deste contexto, esta pesquisa procurou compreender qual o impacto que a educação financeira infantil tem sobre o consumo, também conhecer a influência da família e escola na socialização da criança, seja ela, de forma negativa, voltada para o consumismo, ou no ensino das habilidades para lidar com seus recursos financeiros.

Palavras-Chave: Educação Infantil, Educação financeira infantil, Consumo Consciente.



*PEREIRA, DH; FEITOSA, FM, Sousa, RC; SILVÉRIO, MR Financial education children and their impact on conscious consumption - Sao Paulo, 2009, 75 p. - Monograph Undergraduate - Integrated Schools Campos Salles. West Zone.*

*Abstract*

In today's society, dominated by the capitalist system dominated the "have" instead of "be", was added to the media yet, what with their diversity of messages and images, takes advantage of the vulnerability of the child with the purpose of training new users and they in development cannot understand the persuasive nature of these messages which makes consumers rampant. So basically this seems like a great opportunity to discuss the issue of financial education tool that will serve, not to make children "financiers", but if applied early, can build the foundations for adult life that this child will cope well with the money, not becoming a more consumer-compulsive disorder. Given this context, this research sought to understand what impact that financial education has on children's consumption, also know the influence of family and school socialization of the child, be it in a negative way toward consumerism, or the teaching of skills to deal with its financial resources.

Keywords: Children Education, Children's Financial Education, Consumer Awareness.

## Sumário

APRESENTAÇÃO .....	12
INTRODUÇÃO .....	13
CAPÍTULO 1 – HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL: SEU CONCEITO E EVOLUÇÃO .....	17
1. O surgimento e a evolução da educação infantil.....	17
1.1. A educação infantil no Brasil .....	19
1.2. Métodos Pedagógicos– evolução e implicações.....	20
CAPÍTULO 2 – EDUCAÇÃO FINANCEIRA.....	24
2.1. Evolução histórica da educação financeira .....	24
2.2. Conceito educação financeira .....	26
2.3. Educação financeira uma tarefa de toda a família e da sociedade.....	27
2.4. A alfabetização financeira suas prerrogativas e função.....	31
2.5. Como introduzir a educação financeira para as Crianças.....	34
CAPÍTULO 3 – PADRÃO DE CONSUMO INFANTIL: SUAS CAUSAS E EFEITOS .....	38
3.1. O aprendizado da Criança .....	38
3.2. A socialização da criança.....	40
3.3. O efeito da propaganda sobre a criança.....	41
3.4. As causas da publicidade e do consumo desenfreado .....	44
CAPÍTULO 4 – A EDUCAÇÃO FINANCEIRA INFANTIL E SEU IMPACTO NO CONSUMO CONSCIENTE.....	47
4.1. Criança, consumo e educação financeira .....	47
CAPÍTULO 5 – PROCEDIMENTO METODOLÓGICO .....	51
5.1 Classificação da Pesquisa e forma de levantamento das informações.....	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	55
APÊNDICE – Questionário para especialista em educação financeira (Q1).....	58
APÊNDICE – Questionário para escolas participantes (Q2).....	63
APÊNDICE – Roteiro sobre consumo (R1) .....	66
APÊNDICE – Roteiro entrevista especialista em educação financeira infantil (R2).....	70
APÊNDICE – Entrevista Informal (R3).....	75

## Lista Quadros

<b>Quadro 1- Comparativo dos Métodos Educacionais.....</b>	<b>22</b>
<b>Quadro 2 - Fase comportamental das Crianças.....</b>	<b>35</b>

## APRESENTAÇÃO

Para a consecução de todos os objetivos desta pesquisa a mesma foi dividida em quatro capítulos.

No primeiro capítulo, é apresentado o conceito e evolução da educação infantil, contextualizando-se assim o pano de fundo para a educação financeira infantil. Em seguida, é voltado os olhares para uma retrospectiva histórica da educação financeira infantil e sua evolução, bem como contextualizar sobre seus conceitos e o papel da família em sua construção.

O terceiro capítulo explora um dos fatores objeto desta pesquisa, o consumo, cujo propósito é demonstrar a influência das ações midiáticas sobre a criança e como ela acaba sendo inserida neste universo de consumo desenfreado e seus efeitos negativos. No quarto capítulo, analisar-se-á o impacto da educação financeira no consumo consciente.

O quinto capítulo descreve a metodologia utilizada para a obtenção das informações e conceitos, tanto no que tange a educação financeira aplicada a jovens e adultos, quanto ao consumo e também sobre a educação financeira infantil. Toda esta metodologia e seus resultados contribuíram para fundamentar a pesquisa corroborando com a hipótese levantada.

Por fim, são apresentadas as considerações finais provenientes da análise da experiência com os entrevistados e da observação do grupo de pesquisa frente a um tema tão intrigante e complexo.

## INTRODUÇÃO

Partindo da hipótese que ninguém está totalmente livre e imune aos transtornos financeiros, saber lidar de forma inteligente e prática com o dinheiro é algo positivo e benéfico para qualquer pessoa. Tanto é verdade, que ao se administrar bem as finanças pessoais gera-se possibilidades de identificar oportunidade para investir, por exemplo, em qualificação profissional, ou até mesmo fazer escolhas correndo riscos calculados, como a troca de emprego, ou fazer uma aplicação no mercado financeiro.

Destaca-se ainda, que a sociedade altamente consumista pode dificultar tanto o comportamento financeiro adequado, quanto o desenvolvimento de habilidades que possam ajudar a regular o comportamento dos filhos sem incentivar ou estimular o consumo das crianças e adolescentes, mas, sobretudo, alertá-los e educá-los a respeito dos apelos ao consumo veiculados pela mídia televisiva.

Portanto, na sociedade atual faz-se necessário educar as novas gerações para aprenderem a lidar com dinheiro. Certamente, a educação financeira é uma engrenagem fundamental para as famílias e, possivelmente um elemento que poderá trazer certo equilíbrio e segurança no futuro, dado que, não basta saber ganhar mas sim é fundamental também saber gastar.

Em relação a isto destaca-se que são muitas as situações que mostram estarmos sendo condicionados a viver para o consumo, o que Cerbasi (2006, p. 56) comenta da seguinte forma: “Nossa sociedade sedenta por dinheiro está erroneamente ensinando os jovens que o consumo e o ‘poder pagar’ são prioritários em relação aos valores familiares e sociais [...] valores que são a base para o bom convívio em sociedade”.

Por este motivo é importante que as pessoas saibam otimizar os próprios recursos, aprendendo a administrar bem as finanças pessoais para com isso ter uma vida mais organizada e minimamente preparada, visando enfrentar os transtornos financeiros decorrentes das responsabilidades contraídas, bem como as provenientes das oscilações advindas da economia.

Portanto, para tal otimização de recursos próprios ocorrer de forma natural, é preciso ensinar às crianças, desde cedo, o valor do dinheiro e quanto antes elas são ensinadas a terem controle sobre o dinheiro, evitando assim, que não sejam dominadas por ele, é possível que as mesmas cometam menos erros no futuro. Para Cerbasi (ibid., p.15) “começar cedo e da forma correta pode diferenciar um milionário de um endividado”.

Assim, os pais devem ficar atentos e interessados no assunto da educação financeira, posto que, eles têm um papel fundamental neste aprendizado, uma vez que representam a primeira referência da criança na questão financeira. Precisam mostrar que gastar e poupar são atitudes prazerosas, ambas seguem um objetivo, o qual deve ser discutido e dialogado, a fim de que a criança compreenda as atitudes que tomará com relação ao dinheiro que lhe fora disponibilizado pelos pais; para que ela aprenda a cuidar, gastar ou investir seus recursos; ações estas que trarão benefícios futuros.

Embora as famílias sejam à base da educação financeira, este é um assunto para a vida inteira da criança, e não somente da fase escolar, o que implica no fato de que a escola não deve se excluir e nem ser excluída dessa tarefa de grande importância. Afinal, a escola é grande parceira da família na construção da cidadania e também na preparação dos futuros homens e mulheres para a vida prática.

Tanto é verdade que, caso aconteça de uma criança ter em casa pais que não sabem lidar com dinheiro; esta não será influenciada tão brutalmente, pois a escola também pôde contribuir ao lhe esclarecer sobre questões financeiras, o que embora não garante atitudes futuras corretas, com relação ao dinheiro, garante sim um aprendizado que não poderá ser ignorado.

Vale destacar que ao ingressar em uma instituição de ensino a criança vive situações distintas das quais vive com sua família e, nesse sentido a instituição servirá como agente e parceira na educação financeira, juntamente com a família.

Para melhor compreensão do termo educação financeira, é importante esclarecer seu significado. Trata-se da forma como os pais educam os filhos em relação ao dinheiro, envolvendo, tanto os valores que transmitem a eles, quanto a

forma de utiliza-lo no cotidiano. Em entrevista, D'Aquino<sup>1</sup> ressalta que é um assunto que demanda muita paciência e persistência dos pais ao lidar com a questão, e deve ser levado muito a sério, pois seu embasamento servirá para vida toda da criança.

Diante deste contexto, de despreparo das pessoas, em relação à educação financeira, provocado em grande parte pelo consumo compulsivo, propõe-se como objetivo desta pesquisa: apontar a relevância da educação financeira na fase infantil, o que irá ajudá-la no cotidiano a gastar ou poupar suas economias de maneira mais sábia e equilibrada; Mostrar-se-á também a correlação entre o ensino financeiro e o consumo consciente, objetivando, sobretudo, destacar que a educação financeira busca fazer com que o indivíduo aprenda a lidar com suas finanças, de modo a despertar a capacidade de transformar o ato de consumo compulsivo em consumo consciente.

No Brasil, por causa da estabilização e abertura econômica, houve uma modernização do mercado financeiro e de seus instrumentos, sendo que em função disto os indivíduos e as famílias passaram a sentir a necessidade de conhecer mais sobre finanças, para que as decisões a este respeito sejam mais seguras. Diante do exposto uma pesquisa que se aprofunde neste importante assunto e de sua correlação com o consumo consciente, justifica amplamente a escolha do tema.

Diante do contexto, de que a sociedade brasileira não está habituada a lidar com suas finanças de maneira adequada, e da provável importância da educação financeira infantil para reverter este quadro, torna-se factível formularmos o seguinte questionamento "Como a educação financeira infantil pode tornar as crianças, futuramente, adultos aptos para gerenciar as próprias finanças e a contribuir para um consumo consciente?"

Com a problemática apresentada - a participação da escola como parceira da família -, torna-se uma ferramenta de auxílio na capacitação das crianças em fazer escolhas certas quanto ao emprego do dinheiro.

---

<sup>1</sup> Cássia D'Aquino - Educadora com especialização infantil é autora de livros sobre Educação financeira. Criadora e Coordenadora do Programa de Educação financeira em inúmeras escolas do País, único membro sul-americano da *International Association for Children's Social and Economics Education (IACSEE)*, organização com sede na Inglaterra.

Porém, se não houver uma continuidade no processo desse aprendizado, e o mesmo ficar restrito apenas - família ou escolas -, a educação financeira tende a estar fadada ao fracasso, e não conseguir desenvolver pessoas aptas a lidar com seus próprios recursos.

Este fato levanta a hipótese de que “A educação financeira infantil é fundamental para o consumo consciente”.

Com base nesta hipótese, o trabalho pesquisou sobre o impacto que a educação financeira infantil tem sobre o consumo, considerado desenfreado, bem como sua importância no papel de, futuramente, tornar adultos conscientes e aptos a lidar com suas finanças



## **CAPÍTULO 1 – HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL: SEU CONCEITO E EVOLUÇÃO**

### **1. O surgimento e a evolução da educação infantil**

Na Idade Média sobre um regime social feudal, no qual os senhores de terra possuíam poderes sobre, seus domínios, quase que monárquicos, fazendo, inclusive, suas próprias leis, cultura e valores, às crianças eram vistas como homens e mulheres de tamanho reduzido, não havendo, portanto distinção da criança e do adulto, “[...] nessa época não se dava aos pequenos mais atenção do que aos animais domésticos e os filhos se afastavam dos pais ainda muito jovens” (KARSAKLIAN, 2004, p 233). Sendo que a Igreja e o Estado serviam como limitadores deste poder feudal.

Assim, no século XVII, embora houvessem crianças que estudavam nos colégios existentes na época dirigidos, quase que exclusivamente, pela Igreja, na grande maioria das vezes os filhos eram educados a partir do aprendizado adquirido junto aos adultos da família. Mas, aos sete anos, a responsabilidade pela educação das mesmas era atribuída à outra família, que não a sua, para aprenderem os trabalhos domésticos e valores humanos, e adquirem, dessa forma, conhecimentos e experiências na prática.

Mais tarde, com o crescimento das cidades e do comércio, surge à classe burguesa, e a partir daí a assistência social, ou seja, a responsabilidade pela cura ou prevenção de determinados males sociais, soluções de problemas e ação comunitária com planos de bem-estar, saúde, educação e desenvolvimento, que se materializavam por meio de assistencialismo, passa a ser responsabilidade desta classe emergente.

Por isto, a Igreja Católica perde seu poder na questão da educação. Estas mudanças também afetaram a base familiar existente na época, ganhando atenção o modelo de família burguesa, mudando-se, inclusive, a visão que se tinha da criança. Embora, o tratamento entre crianças pobres e nobres fosse diferenciado, a sociedade da época começava atribuir cuidados mais eficazes às crianças,

surgindo, inclusive, a concepção de que as mesmas eram ingênuas e inocentes e que necessitavam ser moralizadas pelos adultos passa a vigorar.

Surgem então, neste contexto, as preocupações e propostas educativas e de moralização infantil, que contemplavam a educação da criança de 0 a 6 anos, realizada pelos colégios que abriram suas portas aos filhos burgueses e das classes populares, porém não se misturavam as classes; iniciou-se assim, na escola, a discriminação do ensino entre ricos e de pobres. Contudo, a educação passou a ser mais pedagógica e menos empírica.

Posteriormente, com as mudanças tecnológicas e científicas advinda com o capitalismo, foi criada à educação primária de pequena duração para as classes populares, cujo objetivo era ensino prático para formação de mão-de-obra, e por outro lado um ensino secundário, com maior duração, para burguesia, visando formação de “mandantes” e “pensadores”. Com esta divisão social a burguesia *versus* proletariado, o que se verificou foi que as escolas populares acabaram se tornando deficientes em vários aspectos, ao contrario do padrão criado para a burguesia

Estas mudanças na educação compensatória teve, no inicio no século XIX, o pensador Johann Heinrich Pestalozzi, precursor da renovação da prática pedagógica, que enfatizou a importância de adequar à educação em função das necessidades de crescimento e desenvolvimento da criança, além de fazer com que os governantes se interessassem pela educação das classes menos favorecidas.

Outro importante pensador que fez estudos no campo educativo foi Friedrich Fröbel reconhecido pela criação do “*Kindergartens*”- jardins de infância, colocando em prática as idéias de Pestalozzi. Destaca-se que, para estes pensadores, a pré-escola era encarada como uma forma de superar a miséria, a pobreza e a indiferença das famílias.

Contudo, as efetivas aplicações destes programas educacionais ocorreram somente no século XX, período em que se identificou a precariedade do ensino e, somente depois da Segunda Guerra Mundial, o atendimento a pré-escola teve um novo impulso, em consequência das mães começarem a trabalhar nas indústrias

de armas ou aquelas que substituíam o trabalho masculino nas diversas frentes de trabalho.

### **1.1. A educação infantil no Brasil**

Diferentemente dos países europeus, no Brasil, as primeiras tentativas de organização de creches, surgiram com o caráter assistencialista, cujo propósito era auxiliar as mulheres, que trabalhavam nas indústrias, e às empregadas domésticas. Sendo que, seu papel se limitava à alimentação, higiene e segurança física das crianças.

Se por um lado, as nossas pré-escolas públicas não realizavam um trabalho pedagógico eficiente, em função de não haver a contratação de professores qualificados, e com remuneração digna, visto que a mão-de-obra constituía-se por voluntários, que rapidamente desistiam do trabalho, por outro lado, as pré-escolas particulares desenvolviam atividades pedagógicas e educativas, voltadas para os aspectos do conhecimento, da emoção e do social.

Porém, a partir de Constituição Federal de 1988, a educação passa a ser vista como necessária e direito de todos, cabendo ao Estado a responsabilidade da integração das crianças ao sistema de ensino, conforme mencionado no artigo 208, o inciso IV: “[...] O dever do Estado para com a educação será efetivado mediante a garantia de oferta de creches e pré-escolas às crianças de zero a seis anos de idade” (BRASIL, 1988). Desse modo, tanto as pré-escolas e as creches públicas foram incluídas na política educacional, agora sob a tutela do conceito pedagógico e não mais assistencialista.

Cabe destacar que a partir da referida constituinte a responsabilidade pela educação passa a ser dos Estados, fazendo com que os municípios ficassem financeiramente dependentes dos mesmos, o que causou um grande problema para o ensino, pois nem sempre os Estados repassam o dinheiro necessário para que se mantenha a qualidade, aumentando, portanto, o descompasso entre o ensino público e particular.

Com a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente – Lei 8.069/90, que, ao regulamentar o art. 227 da Constituição Federal, que dispõe que os municípios

passam a ser responsáveis pela proteção integral da criança e do adolescente, foram criadas as novas diretrizes municipais; sendo que o Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, concedeu, aos municípios uma maior flexibilidade ao processo de assistência e educação à criança.

Assim, a educação infantil no Brasil foi reconhecida a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, sendo que a mesma foi aplicada a partir dos anos 30, com o objetivo de possibilitar ao sistema de ensino as aplicações dos princípios educacionais constantes na Constituição Federal. Contudo, nossa educação infantil pública ainda deixa a desejar, seja por seu histórico, ou por problemas advindos de políticas ineficientes do governo brasileiro, que favorecem a privatização da educação, como a de outros setores também.

## **1.2. Métodos Pedagógicos– evolução e implicações**

Certamente, é possível afirmar que processo educacional teve no passado, e tem nos dias de hoje grande importância para o desenvolvimento humano. A educação tem trazido ao homem a possibilidade de avanços significativos, no que tange a garantir um futuro melhor para todos.

O conceito de educação sofreu influências do nativismo<sup>2</sup> e do empirismo<sup>3</sup>. O primeiro era entendido como o desenvolvimento das potencialidades interiores do homem, cabendo ao educador apenas exteriorizá-las, e o segundo era o conhecimento que o homem adquiria através da experiência VIANA (2009, apud Martins, 2004, p. 13).

Estes conceitos evoluíram, e para os novos pedagogos, este processo não está mais restrito apenas as paredes da escola, o que o autor contextualiza

“A educação tem uma dimensão maior do que propriamente ensinar e construir, [...] em sentido amplo, representa tudo aquilo que pode ser feito para desenvolver o ser humano e, no sentido estrito, representa a instrução e o desenvolvimento de competências e habilidades”.

---

<sup>2</sup> Nativismo se refere a qualquer atitude que tente focar prioritariamente os valores culturais de uma determinada localidade, em contraposição a uma esfera cultural provinda do exterior, a qual insiste em se tornar predominante neste mesmo local, ou seja, em um domínio estrangeiro. Fonte: <http://www.infoescola.com/historia-do-brasil/nativismo>, acesso 20/10/2009.

<sup>3</sup> O empirismo ficou marcado pelo trabalho de Locke (1632 – 1704), Berkeley (1685 – 1752) e Hume (1711- 1776), sendo uma experiência sensível do ser como a fonte do conhecimento humano. Fonte: *ibid*, *idem*.

E para construção desse processo educacional, ao longo do tempo foram desenvolvidas várias teorias da aprendizagem e modelos de como o ser humano aprende, e métodos pedagógicos, isto é, maneiras de proceder nesta e naquela situação.

No Brasil, os métodos mais utilizados são os desenvolvidos pelos pensadores Piaget, Freinet, Montessori e Waldorf. Dentre esses pensadores e seus métodos educacionais é importante destacar que algum deles contribuíram para o avanço do ensino infantil, dentre os quais o Método Tradicional e o Método Construtivista merecem destaque.

Patto (apud Pierre Bourdieu, 1997, p39) conceitua o Método Tradicional como “[...] ensino definido pela transmissão oral do conhecimento, através de conferências formais, [...] aula ministrada sob forma de conferência outorga ao professor o papel de transmissor legítimo dos bens culturais”, ou seja, o professor é considerado ferramenta fundamental na transmissão do conhecimento sem a interação dos alunos.

A evolução do aprendizado da criança é analisada regularmente através de testes aplicado pelo professor. Este método baseia-se no princípio de que é possível para o professor determinar o que aos alunos devem saber, assumindo objetivos para que este aprendizado aconteça. Por este motivo todo conteúdo é dividido em unidades aumentando gradualmente seu grau de dificuldade.

Porém, este tipo de aprendizagem pode causar vários problemas, a insistência e obediência da imitação condizem a podar a capacidade criativa da criança de sua estrutura mecânica e repetitiva. Por conta disto, este modelo recebeu críticas, a partir dos anos 60 e 70, Trevisan (apud et al., Freire, 2007, p.3) critica esta concepção chamando-a de “educação bancária, pois, ‘o educando recebe passivamente os conhecimentos, tornando-se um depósito do educador’”.

O outro Método é o Construtivista, que atualmente vem sendo adotado por algumas escolas, no qual os educadores devem “saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (idem, ibidem).

Esse método surgiu das idéias de Jean Piaget<sup>4</sup>, a prioridade nesse modelo é o professor não agir como um simples transmissor de conhecimento, mas sim, ao invés do professor apontar “erros” fornecendo a resposta “correta”, questiona as respostas dadas pela criança de maneira que estimule o pensamento de forma a resolver o problema a partir da utilização de suas próprias experiências.

O quadro abaixo ilustra o layout de uma classe onde impera o tipo de metodologia tradicional e a construtivista, bem como a atitude dos professores em cada uma, para melhor entendimento.

Quadro 1- Comparativo dos Métodos Educacionais

Sala de aulas tradicional	Sala de aulas construtivista
O professor ▼ vê os alunos apenas como aprendizes ▲.	Os alunos ▲ são tidos como seres holísticos, isto é, acredita-se que para além de possuírem uma dimensão mental também possuem uma dimensão emocional e física.
O professor determina o conteúdo e o objectivo da aula. A situação na sala de aula está completamente sob o controlo do professor.	Os alunos traçam os seus objectivos e conteúdos dentro do âmbito do assunto da aula. O professor ▼ aconselha e questiona, mas dando-lhes espaço de manobra.
Os alunos são motivados por algo exterior, por exemplo, pelo professor.	Os alunos são na maior parte das vezes motivados intrinsecamente.
Os conteúdos são subdivididos em pequenas unidades de modo a facilitar a aprendizagem.	Os alunos são confrontados com uma situação real complexa e têm de encontrar uma posição adequada para si mesmos.
Assume-se que cada aluno é capaz de aprender a mesma matéria dentro do mesmo espaço de tempo a uma velocidade idêntica.	Os alunos constroem os seus próprios métodos para obterem conhecimento.
Cada aluno aprende por si e para si.	A aprendizagem funciona melhor em grupo.
Cada estudante adquire conhecimento, sendo este o mesmo para todos.	Os estudantes constroem a sua própria interpretação dos conteúdos da disciplina.
O professor fornece respostas modelo (solução orientada).	O professor confronta os alunos com questões, motivando-os a encontrar as suas próprias respostas (problema orientado).
Aprender para os testes é na maior parte das vezes apenas sucesso a curto prazo.	Aprender é um sucesso a longo prazo.
Comunicação unidireccional no ensino e na aprendizagem. O professor fala e os alunos ouvem.	O professor encoraja o diálogo entre os alunos.

Fonte: Elaborado por LUTZ <[http://www.fask.uni-mainz.de/user/kiraly/Portugues/gruppe1/grundlagen\\_comparison.html](http://www.fask.uni-mainz.de/user/kiraly/Portugues/gruppe1/grundlagen_comparison.html)>

<sup>4</sup> Jean Piaget nasceu na Suíça em 1896 e faleceu em 1980. Doutor em Ciências Naturais com mais de 20 doutorados Honoris Causa conferidos por universidades de todo o mundo. Sua principal preocupação era a maneira como as pessoas aprendem, como se dá a construção do conhecimento pelo indivíduo, trazendo um importante subsídio para a prática pedagógica pois nos ajuda a compreender melhor a criança, conhecendo os estágios pelos quais ela passa e os mecanismos que utiliza para se reequilibrar nos seus contatos com o meio.

Observando-se o quadro comparativo entre os dois métodos, é possível dizer que o construtivismo se apresenta não como um método novo, mas sim como uma evolução conceitual. Esta evolução demanda, entre outros aspectos, uma abordagem teórica e prática entre todos os elementos que compõe o mundo, do qual cada pessoa ou criança participa, através de sua interação com o ambiente, na contínua construção do conhecimento, fazendo com que elas se tornem mais críticas, opinativas e investigativas.

Independente da metodologia de aprendizado e da fase da vida do ser humano é incontestável dizer que a educação é um elemento que não pode ser dissociado do indivíduo, é o combustível para que o homem possa obter pleno desenvolvimento, seja mental, físico ou intelectual. Ela pode ser uma ferramenta importante para o indivíduo realizar seus objetivos e prosperar na vida.

Contudo, cabe destacar que no contexto da educação infantil são vários os desafios, independente do método empregado. Spaggiari (1998, p.102) destaca com propriedade que:

“(...) educar atualmente e educar uma idade tão delicada e importante é uma tarefa difícil e complexa que comporta enormes responsabilidades: responsabilidades que não podem ser vivenciadas e administradas na solidão e na exclusividade, nem familiar nem institucional.”

Diante deste contexto não podemos deixar de reconhecer a importância de outras ferramentas como a mídia e o impacto que ela causa diante dos olhos das crianças, o que Guiraldelli (1994, p. 239) enfatiza ao escrever “[...] é educar incorporando as novas técnicas e, mais do que isso, promover a capacidade da leitura crítica das imagens das informações transmitidas pela mídia”..

Assim, repensar o sistema educacional é um constante desafio, principalmente, quando se visa formar um aluno cidadão, consciente, crítico e atuante. Desafio esse que se intensificam diante das rápidas e profundas transformações nos mais variados setores da vida contemporânea.

Pode-se dizer que avançou-se muito nos últimos anos em relação aos métodos, porém, não podemos seguir com a idéia de que o sistema educacional se fez totalmente eficiente. Deve-se manter a visão de que há ainda muito a ser feito e melhorado, sobretudo, ao se encarar o desafio da qualidade na educação infantil.

## **CAPÍTULO 2 – EDUCAÇÃO FINANCEIRA**

Neste capítulo é apresentada uma retrospectiva da educação financeira infantil, bem como seu conceito e contextualização, emprego e forma de introdução junto aos mecanismos tradicionais de educação.

### **2.1. Evolução histórica da educação financeira**

Desde os tempos mais antigos, o ser humano busca satisfazer suas necessidades. No início, as transações de mercadorias eram feitas por meio de trocas em espécie, o escambo, que se constituía nas pessoas trocarem as coisas que tinham pelas que queriam ter.

Mais adiante na Idade Média, os ourives<sup>5</sup> passaram a desempenhar o papel de guardar o dinheiro de quem o possuía. E vendo uma forma de lucrar, com essa guarda, estes começaram a emprestar tais recursos a outras pessoas, surgindo assim os primeiros banqueiros.

Com o desenvolvimento da economia capitalista, a partir do século XIX, as pessoas foram forçadas a conviver com a concentração de dinheiro e poder nas mãos de uma fatia mínima da população, e “[...] nessa nova perspectiva, as pessoas deixavam de ser identificadas pela maneira como produziam e passavam a ser comparadas e avaliadas a partir dos produtos que exibiam.” (D’AQUINO; 2008 p.4), surgindo assim à necessidade de se aprender a lidar com duas palavras chave: querer e precisar.

Atualmente, a “sociedade capitalista” está presente em quase todos os países, e isso faz com que as pessoas cresçam tendo que lidar com tudo que o dinheiro pode proporcionar. Sendo o dinheiro, algo que representa valor, e que traduz o que você pode conquistar com ele, para aprender a manipulá-lo em qualquer lugar, tempo e espaço, as pessoas passam, necessariamente, por uma educação financeira, por menor que seja. Para D’Aquino (2008, p.8) em nosso país, “[...] a relação com o dinheiro conseguiu ganhar contornos ainda mais preocupantes. A razão disso tem a ver com o fato de que o Brasil foi palco de pelo menos duas

---

<sup>5</sup> Pessoa que conserta e/ou vende artigos trabalhados em ouro ou prata.



décadas de um inacreditável pesadelo inflacionário. O país atropelou oito mudanças de moedas”.

Isso fez com que houvesse uma maior preocupação com o poder aquisitivo do que com o planejamento financeiro de longo prazo, o que D’Aquino (2008, p.9) destacaria da seguinte forma:

“Numa economia sufocada pela inflação, qualquer tentativa de planejamento financeiro, por mais sério e bem intencionado que fosse, tinha resultados frágeis e um bocado desanimadores. Se não era possível saber o que esperar da economia para o dia seguinte, que dirá planejar os passos para os próximos cinco ou dez anos.”

Essa variação econômica gerou duas conseqüências que nos acompanham ainda hoje, as quais foram destacadas pelo autor supracitado como segue:

“Em primeiro lugar, o fato de que vários de nós, adultos sobreviventes desse período, de alguma maneira continuamos assombrados pelo fantasma da instabilidade. São marcas de desconfiança em relação ao dinheiro – cicatrizes - que perduram. [...] a segunda conseqüência herdada do período da inflação foi a ausência de uma educação financeira sólida em nossa formação. E, como não aprendemos, precisamos agora esforçar-nos em dobro para ensiná-los a nossos filhos.” (ibid, idem).

Contudo, a partir da década de 1990, os indivíduos e suas famílias passaram a demandar conhecimento e informação atualizada, para tomarem as suas decisões financeiras com maior fundamentação e segurança. E devido ao processo de estabilização econômica permitiu-se, ao mercado financeiro nacional modernizar-se, inclusive, com o desenvolvimento dos produtos oferecidos e a criação de novos.

Cabe destacar, que esse novo panorama devolveu a possibilidade de planejar, poupar, bem como ainda criou condições para que os pais, finalmente, possam iniciar a educação financeira de seus filhos. Conseqüentemente, surgiu a necessidade de difundir a informação sobre finanças pessoais às pessoas e ao público em geral visando que estes conheçam os principais instrumentos de forma a possibilitar uma melhor administração de seus recursos financeiros. Mas tal situação só pode ser aproveitada, se a sociedade tiver acesso às informações específicas que lhe auxilie a lidar corretamente com seu dinheiro.

## 2.2. Conceito educação financeira

Assimilar o conceito de educação financeira pode facilitar o entendimento e a compreensão da dimensão e importância de se educar em relação a finanças pessoais. Ao discutir sobre o tema, vários termos vão surgindo, por exemplo, poupar, juros, planejar e investir, cada um deles com significados complexos que muitos ignoram.

Assim, como ponto de partida o conceito de administração financeira, o qual segundo Gitman (2004, p.4) é “[...] a arte e a ciência da gestão do dinheiro”. Outro conceito muito utilizado para tentar definir educação financeira tem na Contabilidade, que fornece informações sobre fatos econômicos e financeiros oriundos de um patrimônio. Entretanto Kioyosaki (2000, p.63) salienta que:

“O que define se algo é um ativo, ou é um passivo, não são as palavras ‘ativo’ e ‘passivo’. De fato, se você quer ficar realmente confuso, procure as palavras ‘ativo’ e ‘passivo’ no dicionário. Sei que um contador pode achar boa a definição, mas para a pessoa média não faz sentido. Mas nós adultos somos muitas vezes orgulhosos demais para admitir que algo não faz sentido.”

Mas a educação financeira envolve muito mais que apenas dominar tal arte da gestão de dinheiro e os preceitos contábeis, segundo D’Aquino (2009) <sup>6</sup> “[...] a educação financeira não pretende que as crianças se tornem financistas”, mas sim construir as bases para que na vida adulta esta criança venha a lidar bem com o dinheiro.

Assim, a educação financeira não sendo um conceito da administração, matemático nem tão pouco contábil, surge à necessidade de defini-lo mesmo que de forma simplória, como: **A forma didática pela qual se fornece dicas de como utilizar inteligentemente o dinheiro.** Dicas estas que tornam as pessoas hábeis para tomar decisões apropriadas na gestão de suas próprias finanças. Para Matta (2007 p. 59) “Entende-se a educação financeira pessoal como o conjunto de informações que auxiliem as pessoas a lidarem com a sua renda, com a gestão do dinheiro, com gastos e empréstimos monetários, poupança e investimentos a curto e longo prazo.” Mas ao analisarmos sobre os efeitos da educação financeira, vê-se que ela extrapola o oferecimento de informações e conselhos, pois ela é mais

---

<sup>6</sup> Palavras proferidas em entrevista on-line com a especialista em educação financeira infantil Cássia D’Aquino

ampla do que isso. Em entrevista com Modernell (2009) <sup>7</sup> ele a define como “[...] um conjunto amplo de orientações e esclarecimentos sobre posturas e atitudes adequadas no planejamento e uso dos recursos financeiros pessoais”. E ressalta que a educação financeira “Diz respeito à criação de hábitos saudáveis [...]”.

É por meio destes hábitos que as pessoas conseguem compreender melhor o mundo financeiro, tomar decisões fundamentadas e com segurança sobre os seus recursos financeiros, possibilitando ainda uma melhor compreensão sobre os produtos financeiros, seus conceitos e riscos.

Portanto, o ato de instruir, orientar, planejar, definir necessidades e criar limites são alguns dos mais importantes meios para se educar alguém no âmbito financeiro, o que permite se chegar ao conceito de educação financeira infantil, o qual em entrevista a especialista D’Aquino (2009) define como:

“É um processo de vinte anos, que prepara a criança para aprender a ganhar, a gastar e a poupar, mas também a perceber-se como alguém capaz de doar tempo e talento. Tudo isso embasado na percepção de que todo ganho e todo uso do dinheiro deve ser calcado na mais estrita ética [...] é a base que na vida vai representar uma lida adequada, consciente e equilibrada com dinheiro.”

Diante desse conceito pode-se dizer que o dinheiro é uma ferramenta que participa da vida, tanto das crianças como dos jovens e adultos e, portanto é importante aprender a aprimorar formas de lidar com ele. A tal fato D’Aquino (2008, p.111) acrescenta ainda “[...] é primordial da educação financeira ensinar as crianças que o ganho e o uso do dinheiro devem ser sempre norteados pela ética”.

### **2.3. Educação financeira uma tarefa de toda a família e da sociedade**

Antes de tratarmos da questão da educação financeira no seio familiar é pertinente melhor entender a mecânica das famílias e da sociedade, o que será feito de forma sucinta nos dois primeiros parágrafos, para a partir daí inserirmos as questões do aprendizado financeiro. A família é considerada o fundamento básico e universal das sociedades, cuja responsabilidade é transmitir os valores culturais, os padrões de conduta e as idéias predominantes na sociedade, bem como

---

<sup>7</sup> Palavras proferidas em entrevista com a especialista em educação financeira Álvaro Modernell

promover a socialização da nova geração, além de ter a responsabilidade pela sobrevivência física e psíquica das crianças.

De acordo com Minuchin (apud Manfredini, 2007 p.20), “[...] a família é o ambiente mais adequado e completo para o pleno desenvolvimento do ser humano”, sua influência no desenvolvimento da criança se dá por meio da comunicação, tanto verbal como não-verbal, e os seus comportamentos são copiados de seus pais, por meio da observação.

Assim, é correto afirmar que cada membro de uma família sofre influências em relação ao outro. Principalmente as crianças na fase de desenvolvimento, cujo aprendizado se dá especialmente naquilo que vêem, ouvem e observam dos seres que aparentam ser os mais perfeitos e sábios com quem eles convivem: seus pais e mestres. Influências essas que vão desde a conduta social até o modo como lidam ou atribuem significado ao dinheiro.

Corroborando com a importância da família e a influencia sobre os indivíduos Beulke (apud Sheth, Mittal e Newman, 2005, p.6), afirma:

“[...] a personalidade de uma pessoa é a junção de dois fatores: genética + ambiente. Ou seja, pode-se ter componentes da personalidade determinados pelas características familiares dos pais, mães e irmãos mais velhos, ao mesmo tempo em que pode-se desenvolver determinados hábitos de acordo com o ambiente em que se vive”.

É ainda no âmbito familiar que os indivíduos iniciam as relações consigo mesmos e com o mundo com o qual irão interagir, também é onde eles aprendem os padrões de como lidar com o dinheiro. Assim, é importante que os pais tenham em mente como a educação financeira ocorre dentro das famílias.

Para Gallo (2006, p. 17) todos os pais gostariam de criar filhos felizes e bem sucedidos, mas pensam, de maneira errada, que o dinheiro é a chave para a felicidade e sucesso. Tanto é verdade que, a quantidade de dinheiro não tem nada a ver com a pessoa que os filhos irão se tornar, mas as atitudes e ações dos pais sobre as questões financeiras farão a diferença com relação ao comportamento dos filhos.

Portanto, a família como primeiro agrupamento humano, é o ponto de partida no aprendizado das pessoas, por isto a forma de educar e as atitudes

transmitidas em relação ao dinheiro que irão formar futuros membros conscientes da sociedade e não de consumistas compulsivos.

Diante deste contexto cabe destacar que a educação financeira no Brasil deveria ser tratada da mesma forma que nos países desenvolvidos, por lá é no agrupamento familiar que as crianças tomam conhecimento de como lidar com suas finanças, cabendo para a escola apenas o papel de reforçar o que foi aprendido em casa.

A preocupação com a educação financeira aumenta com a chegada dos filhos, sem contar que estudos demonstram outros dois fatores que intensificam a mesma. O primeiro, diz respeito aos avanços da medicina, que segundo especialistas apontam para uma expectativa de vida para as novas gerações é de 120 anos, o que exigirá uma maior habilidade no trato com o dinheiro visando uma digna subsistência. Já o segundo, está relacionado com o consumo, às crianças estão cada vez mais inseridas fortemente em uma cultura de consumista.

Diante destes estudos, o que se espera é uma completa mudança quanto à responsabilidade dos pais, em relação a sua vida profissional e familiar, uma vez que a partir de então começa a preocupação não só com a educação dos filhos, mas também com o futuro e a velocidade dessas transformações o que faz com que surjam inúmeros desafios no tocante à mudança de hábitos e dúvidas em relação à educação de um modo geral, e, sobretudo, a educação financeira infantil, o que torna a arte de ser pai um tanto quanto complicado.

Esta situação se agrava quando o assunto é dinheiro, e é comum os pais se omitirem em falar sobre o mesmo com os filhos, talvez pelo fato de não terem aprendido, e assim não saberem abordar a questão ou por acreditar que tal tarefa é uma obrigação da escola. Cabe aqui destacar que se os nossos valores são materialistas, conseqüentemente, os valores de nossos filhos também os serão, pois os pais são espelhos para os filhos.

Nesse sentido Kioyosaki (2000, p.22), ressalta:

“Uma das razões pelas quais os ricos ficam mais ricos, os pobres, mais pobres e a classe média luta com as dívidas é que o assunto dinheiro não é ensinado nem em casa nem na escola. Muitos de nós aprendemos sobre o dinheiro com nossos pais. O que pode dizer um pai pobre a respeito do dinheiro para seu filho?”

Para muitas famílias, falar sobre dinheiro é ainda um tabu, este é outro aspecto que dificulta a maneira de lidar com recursos financeiros. Manfredin (apud Klainer, 2007, p. 16) na Revista Veja edição especial, ano 35, argumenta

“[...] o número de decisões que tomamos em relação ao dinheiro é maior que o número de vezes em que comemos, rezamos ou temos relações sexuais; mesmo assim, tal fato não é suficiente para o estabelecimento de conversas sobre as questões que englobam o dinheiro em nossas vidas. Embora o dinheiro seja um dos assuntos sobre os quais mais conversamos em nosso dia-a-dia, ele ainda é considerado um forte tabu em nossa cultura ocidental, e isso pode, muitas vezes, dificultar a nossa maneira de lidar com essa valiosa ferramenta.”

Neste contexto, Gallo (2006, p.110) corrobora ao destacar que:

“Não falamos com nossos filhos sobre dinheiro, porque não sabemos o que dizer. Nossos próprios pais não falavam conosco sobre dinheiro, e seus pais não falavam com eles sobre dinheiro. Com esse silêncio de gerações, não é de estranhar que o tópico seja inacessível”.

Em muitas famílias só se fala em dinheiro quando surge uma grande necessidade, ou quando, por exemplo, um pai perde o emprego, o que pode ser prejudicial para a compreensão dos filhos sobre a maneira de como usá-lo e administrá-lo.

Por outro lado, muitos pais consideram importante transmitir aos filhos a educação financeira, mas acabam tendo dificuldades para educar de forma efetiva seus filhos em função de vivermos numa sociedade tão consumista.

Por isso, em primeiro lugar, os pais precisam saber controlar a ansiedade de querer realizar todos os desejos dos filhos. É preciso ensinar e incentivar as crianças a diferenciarem o desejo da necessidade, o que aliado ao conhecimento do planejamento financeiro familiar, pode evitar com que estas crianças se tornem adultos consumistas e sem controle algum sobre seus gastos.

Uma das formas dos pais transmitirem a educação financeira para seus filhos é por meio do diálogo, como forma de orientá-los de quando se deve gastar e quando se deve poupar, por exemplo, quando levar uma criança a um supermercado transmitir de forma natural o conceito de produto caro ou barato, ou ainda de necessário e supérfluo, este simples comportamento servirá em muito para o desenvolvimento da criança no tocante ao consumo e gastos financeiros.

Cabe destacar que a grande maioria das famílias gasta mais do que ganha todos os meses, e em consequência disto, a harmonia no planejamento é o grande desafio financeiro das mesmas. Assim, a cooperação de todos seus membros é muito importante, sobretudo, na construção, administração e controle das finanças domésticas, mas, principalmente para informação e educação financeira dos filhos.

A esta altura, pode-se afirmar que cada membro de uma família sofre influências em relação ao outro. Mas, principalmente, é sobre as crianças que os efeitos do aprendizado se manifestam mais intensamente.

Porém, somada às famílias existe a sociedade em geral, que conforme salienta Manfredini (2007, p.67-8) pode contribuir para educação financeira das crianças da seguinte forma:

“A educação financeira pode ser realizada por meio de técnicas e estratégias na família, na escola, na comunidade, na religião e nos meios de comunicação, pois esses são os ambientes em que toda criança pode circular, ao longo de sua vida. Assim, nesses espaços, pode aprender, de forma implícita ou não, a maneira de lidar com o dinheiro. Educar a criança para aprender a usar o dinheiro relaciona-se não só com o cuidado no manuseio do papel moeda, preservando sua condição física, mas também com as implicações éticas e morais que o dinheiro pode envolver. A questão ética deve ser observada, em uma educação que proporcione consciência para usar o dinheiro sem subornos e sem desmoralizar as pessoas, sendo esta uma forma de exercer a cidadania, respeitando-se o espaço público e privado de uma sociedade.”

Diante desse contexto, é possível perceber que dinheiro, família e educação possuem íntima relação, e por isso, quanto antes se começar a falar de forma mais efetiva e sistemática sobre o assunto, melhor, pois só assim teremos pessoas com mais afinco ao exercer sua cidadania e talvez contribuindo para a formação de consumidores mais conscientes e menos compulsivos.

#### **2.4. A alfabetização financeira suas prerrogativas e função**

Vivemos em um tempo que cuidar da saúde financeira é fundamental, pois dinheiro se tornou um dos principais elementos para se concretizar uma vida financeira saudável, visto que aqueles que não aprendem a administrar suas vidas financeiras poderão vir a enfrentar, no seu dia-a-dia, grandes dificuldades.

Kioyosaki (2000, p. 26) enfatiza que “O dinheiro é uma forma de poder. Mais poderosa ainda, entretanto é a instrução financeira. O dinheiro vem e vai, mas se

você tiver sido educado quanto ao funcionamento do dinheiro, você adquire poder sobre ele e pode começar a construir riqueza”. Nesse sentido o autor (ibid.) pontua que:

“Estou muito preocupado com o fato de que gente demais se preocupa excessivamente com dinheiro e não com sua maior riqueza, a educação. Se as pessoas tiverem preparadas para ser flexíveis, se mantiverem suas mentes abertas e aprenderem, elas se tornarão cada vez mais ricas ao longo dessas mudanças. Se elas pensarem que o dinheiro resolverá seus problemas, receio que terão dias difíceis. A inteligência resolve problemas e gera dinheiro. O dinheiro sem a inteligência financeira é dinheiro que desaparece depressa”.

Modernell (2009 a) ratifica, de forma ampla, o raciocínio de Kiyosaki ao destacar: “Ainda há quem pense que a busca por educação financeira se confunde com uma acelerada corrida atrás de riqueza e fortuna. Atrás do primeiro milhão e dos milhões seguintes. Isso é um dos claros sinais da falta de educação financeira.”

Habitualmente fala-se em alfabetização, mas muito pouco na alfabetização financeira. Tanto é verdade que uma pessoa pode ser muito instruída, bem sucedida profissionalmente e ser analfabeta do ponto de vista financeiro. Dessa forma quanto mais cedo se aprende a usar o dinheiro, melhores serão as decisões quanto ao seu emprego no futuro. Essa alfabetização prepara as novas gerações para fazer uso inteligente e responsável do dinheiro, e deve acontecer de forma gradativa, pois não é algo que acontece da noite para o dia.

Cabe destacar que a racionalidade do planejamento financeiro torna o processo de educação financeira bastante simples, porque mesmo as pequenas ações do dia-a-dia podem ser usadas para o processo de ensinar a uma criança o valor do dinheiro e de seu correto emprego. Uma pessoa financeiramente educada vive a vida plenamente, uma vez que sabe o que quer e como negociar mercadorias, recursos financeiros, portanto, a educação financeira pode beneficiar a todas as pessoas, independentemente do nível de renda e idade.

Kiyosaki (2000 p10) corrobora com o que se descreveu anteriormente da seguinte forma:

“Muitos dos jovens de hoje tem cartão de crédito antes de concluir o segundo grau, e, todavia, nunca tiveram aulas sobre dinheiro e a maneira de investi-lo, para não falar da compreensão do impacto dos juros compostos sobre os cartões de crédito. Simplesmente, são analfabetos



financeiros e, sem o conhecimento de como o dinheiro funciona, eles não estão preparados para enfrentar o mundo que os espera, um mundo que dá mais ênfase à despesa do que à poupança”

Comparativamente, tal raciocínio equivale ao fato de que se você quiser construir um edifício, a primeira coisa a fazer é cavar profundamente o terreno e construir sólidos alicerces, a mesma coisa ocorre com a educação financeira. Para se ter adulto financeiramente educado será fundamental começar a educar as crianças.

Porém Kiyosaki (ibid., p 22) destaca que:

“O dinheiro não é ensinado nas escolas. As escolas se concentram nas habilidades acadêmicas e profissionais, mas não nas habilidades financeiras. Isso explica por que médicos, gerentes de banco e contadores inteligentes que tiveram ótimas notas quando estudantes terão problemas financeiros durante toda a sua vida”.

Quanto a esse fato, da educação financeira não fazer parte do currículo escolar no Brasil, Cerbasi (2004, p 95) ressalta:

“Na verdade, sou inconformado com o fato de não existir obrigatoriamente a disciplina educação financeira no ensino médio das escolas brasileiras. Afinal, a falta de poupança é a origem de muitos problemas nacionais, assim como a falta de crédito e os juros elevados. A construção de uma nação rica depende da capacidade de seus cidadãos de enriquecer. O Brasil é, predominantemente, um país de pobres. Por que então não incluir a educação financeira no currículo básico da formação dos cidadãos?”

Modernell (2009 a) corrobora com este aspecto, afirmando que “Deixar de falar sobre dinheiro com as crianças talvez seja a maior falha que pais e escolas cometem. [...] criar crianças financeiramente educadas é preparar adultos conscientes da importância do dinheiro na vida da gente.”

Segundo Boriola<sup>8</sup>, a educação financeira pode “[...] levar conhecimento e melhores condições de vida aos brasileiros. Oferecer aos jovens culturas suficientes para que sejam capazes de criar uma mentalidade adequada e saudável em relação ao dinheiro”, o que ele reforça como segue:

“De que adianta a grande parcela da população brasileira ter um salário estável se não tem condições de administrá-lo? Acreditamos que ensinando nossos futuros cidadãos ainda na adolescência, quando estão abertos a novos conhecimentos, é a melhor forma para que no futuro

---

<sup>8</sup> BORIOLA, Cláudio - Consultor Financeiro, Conferencista, especialista em economia doméstica e direitos do consumidor. Em seu currículo traz diversos cursos complementares em administração de recursos financeiros, sistemas integrados de gestão de qualidade e produtividade, estratégias de remuneração, endomarketing, organização em finanças e tributos, com especialização complementares em direito, economia e administração de empresas entre outros. Também é autor do projeto “Educação Financeira nas Escolas”.

possam lidar com seu dinheiro. Sem dúvida, uma pessoa melhor informada será um cidadão mais consciente e terá uma velhice financeiramente tranqüila.”

O autor ainda destaca que, essa disciplina contribuirá para que os jovens, quando atingirem a idade adulta e, conseqüentemente tenham responsabilidades saibam analisar qual o melhor investimento para seu dinheiro, bem como calcular taxas de juros, planejar seus gastos e a comprar com consciência.

Diante do atual cenário a educação financeira infantil se faz necessária, para que seja possível se desenvolver jovens e adultos responsáveis com relação ao uso do dinheiro, que saibam, portanto, tomar decisões acertadas e conscientes frente à importância de seus recursos financeiros. Isso não por ganância de ter sempre mais, mas sim, pela necessidade, de administrar bem os recursos financeiros, buscando eliminar problemas como os que hoje assolam àqueles que não conseguem administrar seu dinheiro. Sendo que este descontrole sobre o emprego do dinheiro, é o combustível perfeito para que os profissionais de propagandas, com suas técnicas, consigam influenciar as pessoas levando-as a um consumo compulsivo.

## **2.5. Como introduzir a educação financeira para as Crianças**

Antes de propriamente tratar-se da forma como introduzir a educação financeira compete-nos destacar que as crianças, desde os primeiros anos de vida, estão submersas em uma sociedade consumista, cuja ênfase se dá mais no “ter” do que no “ser”, por este motivo é importante ensinar a criança a ter uma relação saudável com o dinheiro, respeitando cada fase.

Diante tal contexto, especialistas, psicólogos e educadores, em entrevista para Revista Veja, elencaram cada uma das fases comportamentais da criança em relação ao dinheiro, e os erros cometidos pelos pais e como devem proceder para melhor orientá-las conforme demonstrado o quadro a seguir:

Quadro 2 - Fase comportamental das Crianças

Fase	Os erros mais comuns nesta fase
<p><b>De 5 a 7 anos</b></p> <p>A capacidade de entender questões relacionadas a dinheiro ainda é pequena. A criança não está pronta para controlar gastos nem para diferenciar o caro do barato</p>	<p><b>Situação 1:</b> pôr o filho a par de todos os detalhes da situação financeira da família – quanto os pais ganham, quanto custa cada coisa da casa, quais as dívidas</p> <p><b>Por que os pais o fazem:</b> acreditam que a criança deve, desde cedo, conhecer a realidade financeira da família para que entenda que é preciso economizar</p> <p><b>Por que está errado:</b> se os pais começam a detalhar contas, gastos e dificuldades, as crianças podem entender que custam muito caro à família e ficar angustiadas. É comum que comecem a dizer que não precisam de determinadas coisas – um comportamento que os pais acham "bonitinho" mas que, nessa faixa etária, costuma ser sinal de ansiedade.</p> <p><b>A estratégia correta:</b> a criança precisa de exemplos práticos para começar a entender o valor das coisas. Se a família vai viajar nas férias, já é um bom começo pedir a ela que participe das economias da casa</p>
<p><b>De 8 a 12 anos</b></p> <p>Nessa fase surgem as primeiras comparações com a situação financeira dos amigos. Roupas e acessórios de marca passam a fazer parte da lista de vontades dos filhos, e é comum que eles perguntem sobre as finanças dos pais. Ainda não entendem situações complexas como dívidas da família</p>	<p><b>Situação 1:</b> abrir uma poupança para aplicar a mesada do filho – e impedi-lo de mexer nesse dinheiro</p> <p><b>Por que os pais o fazem:</b> porque acreditam que é importante ensinar os filhos a poupar desde cedo</p> <p><b>Por que está errado:</b> parte do processo de aprender a economizar dinheiro é saber como gastá-lo. E isso inclui fazer escolhas e, eventualmente, arrepende-se delas</p> <p><b>A estratégia correta:</b> até os 11 anos, a melhor maneira de ensinar a poupar é estimular objetivos de curto prazo. Um exemplo: se a criança quer comprar figurinhas e precisa poupar 1 real por semana, ajude-a a economizar usando o cofrinho. A partir dos 12 anos, a poupança é uma opção, mas sem o uso do cartão</p> <p><b>Situação 2:</b> estabelecer valores para tarefas da casa como arrumar o quarto ou ajudar a lavar a louça</p> <p><b>Por que os pais o fazem:</b> para estimular a criança a fazer tarefas às quais não está acostumada e ensinar-lhe o valor do trabalho</p> <p><b>Por que está errado:</b> atrelar um preço ao que a criança faz transforma a relação entre pai e filho em um negócio – e isso diminui a autoridade dos pais</p> <p><b>A estratégia correta:</b> antes dos 11 anos, vale mostrar à criança que ela deve ajudar em casa porque faz parte da família, e não pelo dinheiro. A partir dessa idade, os pais podem "contratá-la" para uma tarefa específica, como lavar o carro ou dar banho no cachorro</p> <p><b>Situação 3:</b> dar dinheiro ao filho como forma de prêmio por ter conseguido boas notas na escola</p> <p><b>Por que os pais o fazem:</b> para tentar manter o controle sobre o desempenho escolar da criança</p> <p><b>Por que está errado:</b> prometer remuneração para boas notas é mostrar à criança que o importante é o resultado, e não o processo de aprendizado</p> <p><b>A estratégia correta:</b> jamais ofereça dinheiro como recompensa por um bom desempenho. Há outras opções para gratificar o filho, como fazer elogios ou mesmo levá-lo ao restaurante de que gosta</p>
<p><b>De 13 a 17 anos</b></p> <p>O adolescente já tem alguma capacidade de compreensão, organização e planejamento a médio prazo do uso do dinheiro. No entanto, ainda tem dificuldade com o manejo a longo prazo</p>	<p><b>Situação 1:</b> dar ao filho adolescente um cartão de crédito</p> <p><b>Por que os pais o fazem:</b> porque acham que os filhos já têm maturidade suficiente para usá-lo.</p> <p><b>Por que está errado:</b> o cartão de crédito ensina somente a gastar e nunca a economizar. Isso solapa o aprendizado da poupança, que é especialmente importante na adolescência</p> <p><b>A estratégia correta:</b> o cartão só deve ser introduzido a partir dos 18 anos e, ainda assim, em uma conta conjunta com um dos pais. É a forma de acompanhar de perto a relação do filho com os gastos. Se o cartão for primeiro um cartão de débito. Fica mais fácil controlar o que entra e o que sai</p> <p><b>Situação 2:</b> abrir uma conta para o filho e acompanhar o extrato sem que ele saiba</p> <p><b>Por que os pais o fazem:</b> para manter algum controle sobre a vida dos filhos</p> <p><b>Por que está errado:</b> depositar confiança gradualmente no filho à medida que aumenta a sua capacidade de organização financeira é um passo fundamental na educação. Se ele se sente espionado, a tendência é tentar burlar os mecanismos de controle ou desafiar os pais</p> <p><b>A estratégia correta:</b> uma vez aberta a conta, é preciso dar autonomia ao filho. Se ele gasta a mesada muito rápido, algo pode estar errado, e aí, sim, é bom investigar</p>
<p><b>De 18 a 21 anos</b></p> <p>Ele já é perfeitamente capaz de assumir sua vida financeira, fazer escolhas e ser responsável por seus atos</p>	<p><b>Situação:</b> dar mesada ao filho com mais de 21 anos</p> <p><b>Por que os pais o fazem:</b> como os filhos estendem cada vez mais a permanência na casa dos pais, muitos continuam a tratá-los como dependentes, ainda que já sejam maiores de idade e recebam o próprio salário</p> <p><b>Por que está errado:</b> o jovem não se sente estimulado a trabalhar. Muitas vezes o salário é inferior ao que recebia dos pais. Frustração e comodação no início da vida adulta comprometem o amadurecimento</p> <p><b>A estratégia correta:</b> é importante que, a partir do momento em que entra na faculdade e começa a fazer um estágio, o filho assuma pequenas contas ou despesas da família. Pode ser a própria conta de celular, a gasolina do carro ou mesmo o pão que compra todos os dias pela manhã</p>

Fonte Revista Veja (ed.2117 de 17 de junho de 2009)

Assim, a partir de tais considerações, poder-se-á retomar a questão de voltada à forma, ou seja, como a educação financeira deve ser introduzida junto às crianças, o que D'Aquino (2009, p. 14-5) aborda segundo pilares principais como segue:

- **“Como ganhar:** A idéia de que para garantir solidez financeira à via dos herdeiros basta assegurar o estudo em bons colégios, e, na seqüência, em excelentes universidades, pode ter servido, com muita sorte, à educação que recebermos que nossos pais. As condições do mercado de trabalho que nossos filhos conhecerão exigirão outros roteiros. Afinal, se, de um lado, a medicina, nos dias de melhor humor, acena com a boa notícia de que nossos filhotes viverão até os 120 anos, os estudiosos da economia não têm sido tão otimistas assim. As notícias que chegam por esses últimos dão conta da crescente redução no número de vagas em quase todos os setores. Ou seja, mais gente disputando um número cada vez menos de empregos. Nossos filhos terão esse problema a resolver pelo meio do caminho
- **Como poupar:** As crianças devem ser levadas a perceber que o prazer de poupar é semelhante ao que se obtém ao gastar dinheiro. São prazeres complementares. É por essa razão que o apego exagerado ao dinheiro é tão preocupante quanto a displicência irresponsável com os gastos. Ensinar os filhos a reconhecer a dualidade desses prazeres, sabendo conviver com o melhor de cada um, não é difícil. No entanto, como em quase tudo que diz respeito ao modo como a mentalidade de uma pessoa é formada, quando menor a criança, mais fácil será.
- **Como gastar:** Gastar dinheiro é fazer escolhas. Ensinar os filhos a discernir as conseqüências de seguir essa ou aquela opção torna-os responsáveis pelo destino que constroem.
- **Como doar:** A doação de dinheiro é a forma mais fácil e descompromissada de generosidade. Contudo, é na doação de tempo e talento que a gente se entrega de fato. Levar as crianças a perceberem que são capazes de generosidade implica estarmos atentos às suas manifestações cotidianas de atenção e apreço pelos outros. Percebê-las e, principalmente, sinalizá-las como gestos bem-vindos. Se não dissermos a nossos filhos que eles são capazes de generosidade, eles não saberão que são. E, com o tempo, deixarão de sê-lo. Acima de tudo isso, é essencial ensinar-las crianças que o ganho e o uso do dinheiro devem ser obrigatoriamente regulados pelos preceitos da ética e da responsabilidade social. Sem essa condição precípua, nada mais do que seja ensinado em relação ao dinheiro faz qualquer sentido ou vale realmente a pena.”

Para a autora estes quatro pilares da administração do dinheiro – ganhar, poupar, gastar e doar - dentro do universo infantil irão alicerçar, entre outras coisas, as crianças no futuro a não caírem nas armadilhas dos crediários, cartões de crédito e cheques especiais, entre outras formas de endividamento.

Quanto à metodologia, a ser empregada como base para a educação financeira infantil, os especialistas financeiros, aconselham à adoção de uma quantia de dinheiro semanal (semanada) ou mensal (mesada), com o objetivo de

ensiná-las a importância de poupar - envolvendo, portanto, o conceito de escolha e de que toda escolha é uma renúncia, para conseguir algo maior.

Neste contexto destaca-se que a mesada ensina, na prática, o conceito de planejamento, causa efeito e responsabilidade por suas escolhas, o que provoca uma iniciação no âmbito das finanças pessoais, para que no futuro a criança ou jovem consiga fazer seu próprio planejamento financeiro, bem como desencorajar seus próprios comportamentos impulsivos e consumistas.

Em termos de faixa etária o momento certo para começar a mesada, “é a partir dos 3 anos, quando a criança já entende a possibilidade de gastar e poupar, nesta fase estimula-se a idéia de poupança associando a um objetivo” FREITAS (apud, Aquino, 2009, p. 1).

No entanto a mesada não pode ser considerada “moeda” de punição para algum comportamento inadequado, nem ao menos ter carta branca para qualquer gasto, devem ser estabelecidas regras. Cabe aos pais muita prudência e responsabilidade ao optar pela mesada, pois ela não pode ser encarada como “remuneração”, “premiação” ou mesmo “símbolo de status”.

É necessário deixar claro, para os pais, que a mesada é apenas uma ferramenta que irá colaborar na educação financeira das crianças e adolescentes, sendo, portanto um excelente instrumento de educação.

## CAPÍTULO 3 – PADRÃO DE CONSUMO INFANTIL: SUAS CAUSAS E EFEITOS

Para poder explicar o comportamento de consumo da criança, ou seja, o modo como ela escolhe, se influenciam e usam produtos de consumo, pesquisadores têm se concentrado em certas áreas do conhecimento como: do desenvolvimento e aprendizagem, da socialização, da decisão de compra e da influência da propaganda. (LIMEIRA, 2008). Sendo que cada uma delas serão melhor desenvolvidas a seguir.

### 3.1. O aprendizado da Criança

Em se tratando do desenvolvimento e aprendizagem da criança, os primeiros estudos desenvolvidos, nas primeiras décadas do século XX, por pesquisadores como J.M.Baldwin, P.Janet, H.Gardner, J.Piaget e L.S. Vigotsky, o mais amplamente aceito é o de que “o desenvolvimento se constitui em um processo de interação entre o indivíduo e o ambiente social cultural” (LIMEIRA 2008, p159).

Cabe destacar que o ser humano vai além de um conjunto de genes programado para agir dessa ou daquela maneira, pois ele é a combinação de dois tipos de fatores: os genéticos e os ambientais, os quais embora iguais na essência humana apresentam comportamentos diferentes. (PSIQWEB 2009).

Assim, dentre as teorias inúmeras do desenvolvimento humano, destaca-se a do **desenvolvimento cognitivo**, do psicólogo suíço Jean Piaget, que entende que o desenvolvimento de uma criança **como sendo um processo de evolução gradativa com quatro estágios ou fases de desenvolvimento**. Sendo que em cada estágio há uma característica na qual a criança constrói seu conhecimento. Vejamos:

- **Estágio 1: Sensório-motor (0 a 2 anos – controle motor)** – aprende sobre os objetos físicos que as rodeiam e conhecimento pelas suas próprias ações e modificações que causam no ambiente físico.
- **Estágio 2: Pré-operatório (2 a 6 anos – inteligência simbólica)** – busca adquirir habilidades verbais, tudo deve ter uma explicação (é a

fase dos “por quês”), conseguem nomear objetos e racionar intuitivamente, mas não coordena operações mentais básicas.

- **Estágio 3: Operatório-concreto (7 a 11 anos)** – começa a lidar com noções de tempo, espaço, ordem e casualidade, desenvolve habilidade de solucionar problemas concretos.
- **Estágio 4: Operatório-formal (12 a 15 anos)** – definido como adolescência é caracterizada pelas mudanças corporais e psicológicas, além do desenvolvimento da capacidade de pensar idéias abstratas.

Cabe destacar que a lógica de pensar da criança e de interpretar as informações é diferente da lógica do adulto, segundo Limeira (2008 p 161) “Na visão de Piaget, as crianças são construtoras ativas do seu próprio conhecimento, criando e testando idéias sobre o mundo”.

Outra teoria que traz uma perspectiva diferente para o desenvolvimento humano é a teoria da aprendizagem social de Vigotsky, parte do pressuposto de que a origem do aprendizado está nas interações que os indivíduos desenvolvem com os outros, ou seja, as crianças estão em constante interação com os adultos e é por meio deste contato que os processos psicológicos se desenvolvem.

Destaca-se que é com base nestas teorias e conhecimentos, que o marketing se beneficia para desenvolvimento de propagandas e produtos visando conquistar seu universo de clientes. Mas, principalmente, às crianças. Limeira (2008 p.162) ilustra a aplicação das teorias quando menciona o desenvolvimento de produtos “Se um brinquedo, como um jogo eletrônico, exigir grau avançado de raciocínio abstrato, não será adequado para crianças menores de 12 anos, porque as crianças menores não desenvolveram ainda a capacidade de pensar idéias abstratas.”

Uma vez que se tratou da forma de aprendizado da criança, verificar-se-á a seguir os processos de socialização infantil.

### 3.2. A socialização da criança

Segundo a psicologia social, o comportamento da criança é influenciado pela família, pela mídia e pelos grupos sociais com as quais ela interage. A psicologia social é uma ciência dedicada ao estudo do indivíduo como ser social, e entre seus principais autores destaca-se Kurt Lewin, considerado pai da psicologia social. A ele atribui-se a famosa frase “Nada é mais prático que uma boa teoria [...]” (NETPSI 2009).

A socialização é um processo pelo qual as crianças aprendem a estar e a comportar-se no grupo e na sociedade a que pertencem. Assim, desde que nascem já recebem as influências dos pais e de outros agentes próximos, os quais lhes forneceram as regras que regem o mundo em que vivem. Contudo, fundamentalmente cabe às famílias – espelhos de comportamento para os filhos -, a função de socialização da criança, bem como de transmissão de valores culturais, normas e comportamentos da sociedade.

Considerando que “Vivemos uma sociedade chamada de, entre outros nomes, de ‘sociedade de consumo’”<sup>9</sup>, cabe às famílias o papel de socialização da criança. Porém, a comunicação familiar e o comportamento dos pais, em relação ao consumo, é a chave no processo de socialização de consumo.

Diante desse contexto Karsaklian (2004 p. 500) destaca:

“[...] a socialização do consumidor infantil, ou seja, processos pelos quais as crianças adquirem habilidades, conhecimento e atitudes relevantes para sua atuação como consumidores no mercado, esta em fase de crescimento e as empresas já se conscientizaram da importância da publicidade adequada para atrair esses consumidores”,

Nesse sentido a percepção das empresas pode ser facilmente constatada ao se verificar o significativo aumento com os gastos com propaganda infantil nos últimos anos. Cabe destacar que, em função da escassez de dados nacionais do consumo infantil torna-se necessário para melhor entender este comportamento, a utilização de dados de outros países como dos Estados Unidos, que possui boa base de dados e pesquisadores no assunto.

---

<sup>9</sup> Palestra proferida do 2º Fórum Internacional Criança e Consumo - Cultura da vaidade e consumo por Yves De La Taille, disponível em: <<http://www.forumcec.org.br/educacao-consumo-e-infancia>> acesso em 07/09



Assim, a americana Linn<sup>10</sup> em entrevista para revista eletrônica Marketing Infantil (2009) ressalta:

“Hoje, as crianças são bombardeadas por uma série de estímulos para que consumam cada vez mais, nos Estados Unidos, em 1983, gastava-se US\$ 100 milhões por ano em marketing voltado para crianças. Hoje em dia, os gastos nessa área já chegam a US\$ 17 bilhões por ano. É um aumento de 170 vezes em um período de 25 anos. Isso somado a uma combinação de mídia extremamente sofisticada para fazer todo esse marketing.”

Diante destas informações é factível crer que o desenvolvimento do marketing, está orientado não somente para a produção, mas, também para o estímulo ao consumo, é um ponto que coloca o consumo não apenas como um problema social, mas também educacional.

Portanto, é fundamental à família, desempenhar seu papel de socialização da criança e a de norteá-la em relação ao consumo, bem como levá-la à compreensão da educação financeira. Para que as mesmas saibam sobre o uso, origem e circulação do dinheiro, o que levará a criança a construir seu próprio modelo do mundo social, bem como o de suas relações no interior deste mundo.

### **3.3. O efeito da propaganda sobre a criança**

Na sociedade contemporânea às instituições de controle social, o Estado, a família, a escola e a religião, disputam espaço com a mídia. O mercado tem a mídia como seu principal agente de divulgação, a qual tem influenciado de forma significativa as relações de comportamento de compra dos consumidores.

Neste contexto, as crianças não estão isentas, pois além de serem influenciadas, exercem forte pressão sobre os pais na escolha de produtos ou marcas no momento da compra, o que para Ziliotto (2003, p.167) ratifica da seguinte forma: “a decisão de quanto gastar anteriormente reservada à autoridade paterna e/ou materna, agora também é uma posição exercida pelas crianças”. Como já mencionou-se anteriormente no Brasil não existem estatísticas a cerca da influência da criança no consumo, e, assim, para se demonstrar tal situação faz-se

---

<sup>10</sup> Susan Linn é professora de psiquiatria na *Harvard Medical School* (Boston, EUA) e diretora associada do Media Center do Centro Infantil Judge Baker. Foi uma das fundadoras da Campanha para uma Infância Livre de Comércio (Campaign for a Commercial-Free Childhood). Autora de diversos estudos sobre os efeitos da mídia e do marketing comercial em crianças, nomeadamente à sua habilidade como escritora o seu talento com o ventriloquismo, sendo conhecida internacionalmente por seu trabalho inovador com o uso de fantoches na psicoterapia infantil.

necessário utilizar dados de países como Estados Unidos, sobretudo, pelo fato de que esta é uma economia impulsionada pelos consumidores, cujos gastos representam aproximadamente 70% de seu produto interno bruto (PIB). Sendo que segundo a revista *Time* acredita-se que lá 600 bilhões de dólares gastos em compras são influenciados pelas crianças, ou seja, 60% dos um trilhão de dólares em compras anuais. Diante tal magnitude são gastos em propagandas, para crianças, aproximadamente 26 bilhões de dólares por ano. Diante de cifras tão vultosas empresas como a Nestlé e Margo Wootman, por exemplo, investiram aproximadamente 5 bilhões em marketing para crianças na última década. GALLO (2006 p 57-8).

Com base nestes dados, não é de se admirar que a indústria de propaganda tenha se tornado extremamente sofisticada quando o assunto são vendas para crianças, e o fazem com técnicas astutas que encorajam as crianças a importunar os pais a comprar uma infinidade de produtos.

Tais comportamentos são ratificados por Gallo (2006 p 58) como segue:

“Os anunciantes também se tornaram capazes de transmitir às crianças que o consumo fará suas vidas melhores e que seu valor próprio depende da qualidade de suas posses. Ao mesmo tempo, transmitem aos pais que dar produtos às crianças se iguala a lhes dar amor.”

Em se tratando da influência midiática sobre a criança, pesquisa realizada com crianças da quarta série das escolas públicas e particulares de Belo Horizonte, apurou que, os ideais das crianças mineiras, eram definidos pela identificação com modelos e planos que fazem para o futuro. Até a primeira metade do século XX, era construída a partir da inserção na família, escola e na igreja. Sendo que a família era apontada pelas crianças, de modo geral, como a grande fornecedora de modelos, seguida pela escola, na pessoa da professora e dos colegas, e pela igreja, nas pessoas de Deus, Jesus e de santos. LIMEIRA (apud Érika Lourenço e Mônica Yumi Jinzenji, 2006, p. 168).

No entanto, as respostas das crianças à mesma pesquisa, realizada em 1998, apontaram que tanto as meninas como os meninos, em sua maioria, consideram como modelos identificatórios os artistas de televisão e cinema, os cantores e os atletas, ou seja, com aqueles com quem têm contato por meio da

mídia. Assim, verificou-se que os valores transmitidos pela mídia contribuíram para mudanças nos ideais infantis. (idem, ibidem).

Na conclusão da pesquisadora<sup>11</sup>, a família parece estar perdendo a hegemonia que possuía na apresentação de modelos para as crianças, assim como a escola e a igreja, tradicionais agências socializadoras, vêm perdendo seu papel, demonstrando o declínio da influência sobre as escolhas infantis, ao passo que, pessoas com quem as crianças têm contato por meio da mídia, vêm ocupando seus lugares de forma significativa.

Este contexto só vem reforçar o que comenta Limeira (apud Érika Lourenço e Mônica Yumi Jinzenji 2006, p. 168) quando diz: “a televisão, transmitindo valores utilitaristas<sup>12</sup> e hedonistas<sup>13</sup>, tanto em seus comerciais como em seus programas, vem contribuindo para a transformação da sociedade contemporânea em uma sociedade essencialmente de consumo”.

Mas vale lembrar que a influência da propaganda também consegue persuadir os adultos, e isso mesmo com toda a contra-argumentação que possuem. Contudo, os maiores reféns do processo são as crianças, que são transformadas em vítimas ao serem manipuladas comercialmente. Outro reflexo desta transformação, e foco deste trabalho, é a contribuição negativa sobre a relação das crianças com o dinheiro e com suas habilidades em regular seu comportamento financeiro.

Alguns pais podem até duvidar do poder da propaganda sobre seus filhos, afinal de contas, alguns comerciais parecem tão simplistas que é difícil acreditar que tenham qualquer efeito sobre eles, mas os pais devem se lembrar que os publicitários se sofisticaram bastante no que diz respeito ao apertar os botões certos nas crianças em cada estágio de seu desenvolvimento, e, portanto, sabem com maior precisão como ganhar sua atenção para torná-las reféns.

---

<sup>11</sup> LOURENÇO, Érika; JINZENJI, Mônica Yumi, Ideais das crianças mineiras no século XX: mudança e continuidade. Psicologia: Teoria e Pesquisa, Brasília, v.16, n.1, p.41-48, jan – abr.2000

<sup>12</sup> Utilitarismo - teoria desenvolvida na filosofia liberal inglesa, esp. em Bentham (1748-1832) e Stuart Mill (1806-1873), que considera a boa ação ou a boa regra de conduta caracterizáveis pela utilidade e pelo prazer que podem proporcionar a um indivíduo e, em extensão, à coletividade, na suposição de uma complementaridade entre a satisfação pessoal e coletiva – (Fonte: Dicionário Eletrônico Houaiss versão 2.3 )

<sup>13</sup> Hedonismo - cada uma das doutrinas que concordam na determinação do prazer como o bem supremo, finalidade e fundamento da vida moral, embora se afastem no momento de explicitar o conteúdo e as características da plena fruição, assim como os meios para obtê-la (Fonte: ibid, idem)

Por fim, os pais têm que estar preparados e cientes da importância de educar seus filhos financeiramente, tendo, inclusive, a consciência de que um comportamento saudável em relação ao dinheiro será para a vida toda e poderá contribuir para que a criança não se torne, durante seu desenvolvimento, mais um consumidor compulsivo.

### **3.4. As causas da publicidade e do consumo desenfreado**

Com o propósito de fundamentar o quanto o consumo desenfreado e sem consciência é prejudicial, principalmente para as crianças, alvo preferido do marketing e da propaganda, foi realizada pesquisas através da internet, estas levou a conhecer o Projeto Criança e Consumo do Instituto Alana.

Esse projeto foi criado em 2005 para divulgar e debater questões referentes às relações de consumo que envolva crianças e adolescentes, em especial para fomentar a reflexão sobre as conseqüências do consumismo que cada vez mais atingem essa parcela da sociedade.

Com um vasto acervo bibliográfico sobre os efeitos do consumo, vale destacar o artigo “Criança: cidadã ou consumista”<sup>14</sup>, do escritor Frei Betto, autor da obra “A arte de semear estrelas”. O artigo demonstra os males causados pelo consumo, cujo conteúdo segue;

“[...] Pesquisas indicam que as crianças brasileiras costumam passar 4 horas por dia na escola e o dobro de olho na TV. Impressiona o número de peças publicitárias destinadas a crianças ou que as utilizam como isca de consumo.

A pesquisadora Susan Linn, da Universidade de Harvard, constatou que o excesso de publicidade causa nas crianças distúrbios comportamentais e nutricionais. De obesidade precoce, pela ingestão de alimentos ricos em açúcares ou gorduras saturadas, como refrigerantes e frituras, à anorexia provocada pela obsessão da magreza digna de passarela.

Sexualidade precoce e desajustes familiares são outros efeitos da excessiva exposição à publicidade. São menos felizes, constatou a pesquisadora, as crianças influenciadas pelas idéias de que sexo independe de amor, a estética do corpo predomina sobre os sentimentos, a felicidade reside na posse de bens materiais.

Impregnada desses falsos valores, tão divulgados como absolutos, a criança exacerba suas expectativas. Ora, sabemos todos que o tombo é proporcional ao tamanho da queda. Se uma criança associa a sua felicidade a propostas consumistas, tanto maior será sua frustração e infelicidade, seja pela impossibilidade de saciar o desejo, seja pela

---

<sup>14</sup> Instituto Alana, Criança cidadã ou consumista, disponível em:

<<http://www.alana.org.br/CriancaConsumo/NoticiaIntegra.aspx?id=6447&origem=23>>, acesso em 01/04/2009.

incapacidade de cultivar sua auto-estima a partir de valores enraizados em sua subjetividade. Torna-se, assim, uma criança rebelde, geniosa, impositiva, indisciplinada em casa e na escola.

A praga do consumismo é, hoje, também uma questão ambiental e política. Montanhas de plástico se acumulam nos oceanos e a incontínência do desejo dificulta cada vez mais uma sociedade sustentável, na qual os bens da Terra e os frutos do trabalho humano sejam partilhados entre todos.

Um dos fatores de deformação infantil é a desagregação do núcleo familiar. No Dia dos Pais um garoto suplicou ao pai, em bilhete, que desse a ele tanta atenção quanto dedica à TV... Um filho de pais separados pediu para morar com os avós após presenciar a discussão dos pais de que, um e outro, queriam se ver livre dele no fim de semana.

Causa-me horror o orgulho de pais que exibem seus filhos em concursos de beleza. Uma criança instigada a, precocemente, prestar demasiada atenção ao próprio corpo, tende à esquizofrenia de ser biologicamente infantil e psicologicamente “adulta”. Encurta-se, assim, seu tempo de infância. A fantasia, própria da idade, é transferida à TV e ao apelo de consumo. Não surpreende, pois, que, na adolescência, o vazio do coração busque compensação na ingestão de drogas.

Com freqüência pais me indagam o que fazer frente à indiferença religiosa dos filhos adolescentes. Respondo que a questão é colocada com dez anos de atraso. Se os filhos fossem crianças, eu saberia o que dizer: ore com eles antes das refeições; leiam em família textos bíblicos; evitem fazer das datas litúrgicas meros períodos de mini férias, como a Semana Santa e o Natal, e celebrem com eles o significado religioso dessas efemérides; incutam neles a certeza de que são profundamente amados por Deus e que Deus vive neles.

Crianças são seres miméticos por natureza. A melhor maneira de interessar um bebê em música é colocá-lo ao lado de outro que já tenha familiaridade comum instrumento musical. Ora, o que esperar de uma criança que presencia os pais humilharem a faxineira, tratarem garçons com prepotência, xingarem motoristas no trânsito, jogarem lixo na rua, passarem a noite se deliciando com futilidades televisivas?

Criança precisa de afeto, de se sentir valorizada e acolhida, mas também de disciplina e, ao romper o código de conduta, de punição sem violência física ou oral. Só assim aprenderá a conhecer os próprios limites e respeitar os direitos do outro. Só assim evitará tornar-se um adulto invejoso, competitivo, rancoroso, pois saberá não confundir diferença com divergência e não fará da dessemelhança fator de preconceito e discriminação.

É preciso conversar com elas, através da linguagem adequada, sobre situações-limites da vida: dor, perda, ruptura afetiva, fracasso, morte. Incutir nelas o respeito aos mais pobres e a indignação frente à injustiça que causa pobreza; senso de responsabilidade social (há dias vi alunos de uma escola varrendo a rua), de preservação ambiental (como a economia de água), de protagonismo político (saber acatar decisão da maioria e inteirar-se do que significam os períodos eleitorais).

Se você adora passear com seu filho em shoppings, não estranhe se, no futuro, ele se tornar um adulto ressentido por não possuir tantos bens finitos. Se você, porém, incutir nele apreço aos bens infinitos – generosidade, solidariedade, espiritualidade – ele se tornará uma pessoa feliz e, quando adulto, será seu companheiro de amizade, e não o eterno filho-problema a lhe causar tanta aflição. Saber educar é saber amar.”

Uma vez que foi tratado, nos capítulos, anteriores das questões como a socialização da criança em relação ao consumo, a importância de ensinar-las educação financeira desde cedo e o quanto o consumo exerce uma influência negativa sobre elas, poder-se-á agora verificar sobre o impacto da educação financeira no consumo consciente, o que será feito no capítulo a seguir.

## CAPÍTULO 4 – A EDUCAÇÃO FINANCEIRA INFANTIL E SEU IMPACTO NO CONSUMO CONSCIENTE

### 4.1. Criança, consumo e educação financeira

Lidar com dinheiro não é algo fácil para pessoas adultas, que dirá para crianças, principalmente, ao serem bombardeadas diariamente pela mídia, a qual usa suas vulnerabilidades para criar nelas o espírito de consumidores fiéis. Acrescente a isso o fato de que, para a criança, não existe uma clara definição de “caro” ou “barato”, “querer” ou “precisar” e nem qual a situação financeira da família, e teremos uma verdadeira “bomba relógio” caso nada seja feito.

Cabe destacar que a forma como os pais lidam com o dinheiro e o consumo é quem irá nortear a criança para questões fundamentais no tocante ao consumo consciente e ao emprego eficaz de seus recursos financeiros. D’Aquino (2008, p. 136) destacou com muita propriedade, tal situação ao ressaltar que as crianças “[...] nos tomam por modelos ideais de comportamento e saber. Por isso, para o bem e para o mal, tantas de nossas ações e reações são registradas e imitadas pelas crias como ‘jeito certo de fazer’”.

Neste contexto uma reflexão se faz necessária - como reconhecer o quanto a atitude dos pais está influenciando a criança a entrar neste mundo do consumo? O que D’Aquino (idem, ibidem) argumenta que é neste momento que as coisas se enrolam “Se os pais preferem um curto-circuito orçamentário a deixar de comprar o carro do ano, como convencer a prole a não arrancar os cabelos pelo último modelo de videogame?”

A autora salienta ainda que

“[...] por volta dos 2 anos e meio, sua cria diz o primeiro ‘Compra isso?’ [...] com essa frase, com esse pedido de qualquer coisa, seu filhote acaba de estreitar no fabuloso mundo do consumo. Sem que você tenha se dado conta, até chegar aqui seu herdeiro dedicou um bocado de tempo observando o modo como você consome.” (D’ÁQUINO, ibid, p. 20)

É importante destacar que embora ninguém nasça consumista. O consumismo é uma característica do capitalismo e da sociedade atual, um hábito

mental forjado pelas ações midiáticas que se tornaram uma das características culturais marcantes, com os quais se estimula o consumo de modo inconseqüente.

Sendo que as crianças, ainda em pleno desenvolvimento e, portanto, mais vulneráveis que os adultos, não ficam fora dessa lógica. Infelizmente, sofrem tais estímulos cada vez mais cedo. Por ser um consumidor em formação e uma poderosa influência no processo de escolha de produtos ou serviços, sofrem o impacto da mídia e tendem a serem mais fiéis as marcas e ao próprio hábito consumista, que lhes são praticamente imposto.

Entretanto, o consumismo infantil não é um problema que está ligado apenas à influência da mídia, ele tem seus precedentes na educação doméstica, na qual as crianças aprendem, com o exemplo dos pais, a lidar com dinheiro, seus valores e a forma inconseqüente ou não de consumir.

Nesse ponto é importante uma ressalva, a de que o propósito, desse trabalho não é ir contra o consumo, pois este vigora em toda e qualquer economia, gerando empregos e renda às famílias, mas sim o que em entrevista D'Aquino declara “[...] o consumo começa a se delinear como problema, a partir do momento em que se constitui centro das atenções, valores e energia de nossas vidas”. Portanto, o que importa é verificar se o consumo normal pode se tornar um consumo “desmedido” por falta de algum tipo de preparo.

Isto só reforça que a educação financeira tem de ser ensinada na prática, e que antes de fazer uso do dinheiro à criança deve ser levada a pensar com ponderação e não agir por impulso, ou seja, a utilização do dinheiro deve exigir racionalidade dos pais que irão formatar as ações futuras dos filhos.

Sobre esta questão D'Aquino (2008, p.20) segue destacando que ao fazer os primeiros pedidos a criança.

“[...] basicamente compreendeu que: 1. existe dinheiro; 2. você tem esse tal de dinheiro; 3. dinheiro serve para comprar coisas coloridas, divertidas e gostosas. Com este pedido a criança esta apresentando o passaporte para início da educação financeira”.

Desta forma, é esta iniciação que irá socializar economicamente as crianças e adolescentes, para compreensão da realização econômica e os conceitos sobre o uso, origem e circulação do dinheiro.



E com essa percepção, lhes permitirá que na fase adulta, tenham mais experiências sobre a maneira de lidar com o dinheiro, o que servirá como um fio condutor para que possam desenvolver o pensamento crítico e ter uma postura que lhes permita atuar como cidadãos, e não como meros consumidores.

Consumir de forma consciente é refletir antes de efetuar a compra, analisar o seu impacto positivo ou negativo da aquisição seja para si ou para o meio em que vive, sabendo, questionando-se: Preciso desse produto?

É para responder a este tipo de questão, que surge à educação financeira, cuja essência pretende ensinar a relacionar-se com o “querer”, “precisar”, e o saber protelar impulsos a fim de conseguir um bem maior. Outra análise é quanto ao impacto que as compras terão nas finanças atuais e futuras. Em resumo, a educação financeira proporciona ferramentas para análise de todos os pontos que podem gerar problemas com endividamento.

Vale ressaltar, que a importância da educação financeira pode ser vista sob diversas perspectivas: sob a perspectiva de bem estar pessoal, dos futuros jovens e adultos, cujas decisões podem comprometer seu futuro e, em muitos casos, na carreira profissional. Outra perspectiva, de consequências mais grave, é a do bem estar social, pois o consumo desenfreado acaba sendo um fator de causa da inflação, o que força os governantes a aumentar as taxas básicas de juros e impostos como uma alternativa de contenção.

Assim, é possível dizer que consumo e educação financeira têm uma relação muito próxima, ressaltada em entrevista pela especialista D'Aquino como segue:

“O fato da criança ser levada a perceber desde muito pequena as consequências das escolhas que ela faz em todas as áreas, não apenas em relação ao dinheiro, vai fazer com que ela se torne um adulto mais atento aos caminhos que ela toma em relação ao dinheiro, isso em primeiro lugar. Em segundo lugar, também o fato da criança ser estimulada desde pequena a encontrar soluções para os problemas dela, fará com que na vida adulta ela seja mais hábil a encontrar soluções para o os problemas financeiros que vem pela frente. Como eu disse inicialmente esse não é um processo que acontece em um fim de semana ,um ano ou dois, é um processo de vinte anos e que é baseado sobretudo no exemplo dos pais. Se os pais, então, são capazes de educar uma criança pra ter uma percepção mais crítica em relação ao dinheiro, sobretudo e principalmente para que essa criança compreenda que dinheiro não é a coisa mais importante do mundo, ela se tornará um adulto muito mais equilibrado em relação ao dinheiro”.

Diante desta declaração, é possível demonstrar a correlação entre o ensino financeiro infantil e o consumo consciente, visando, sobretudo, destacar que a educação financeira busca fazer com que o indivíduo aprenda a lidar com suas finanças de modo a despertar a capacidade de transformar o ato de consumo compulsivo em consciente.

Assim, poder ter uma relação saudável com dinheiro desde cedo, pode tornar as crianças, futuramente, adultos aptos para gerenciar as próprias finanças e a contribuir para um consumo consciente.

## **CAPÍTULO 5 – PROCEDIMENTO METODOLÓGICO**

Após discorrer sobre o assunto nos capítulos anteriores, a importância da educação financeira infantil, bem como o impacto e influência que pode causar no consumo, este capítulo descreve o processo de como foram colhidas as informações, conceitos e opiniões dos especialistas.

### **5.1 Classificação da Pesquisa e forma de levantamento das informações**

Como o objetivo da pesquisa, a educação financeira infantil, é um tema considerado ainda novo no Brasil, fez-se necessário conhecer o assunto por meio de pesquisa exploratória e levantamento bibliográfico. Para Gonsalves (2003, p.65), a Pesquisa Exploratória é caracterizada pelo esclarecimento de idéias, oferecendo uma visão panorâmica, uma primeira aproximação a um assunto que é pouco explorado. Assim, é possível classificar a pesquisa como sendo qualitativa, pois para (ibidem, p. 68) “[...] a pesquisa qualitativa preocupou-se com compreensão, e interpretação do fenômeno, considerando o significado que os outros dão as suas práticas [...]”. Parte das informações a respeito do assunto serão coletados por meio de entrevistas estruturadas, ou seja, o entrevistador seguirá uma relação fixa de perguntas (GIL 1991, p.92). Será utilizado um questionários com questões abertas e duas entrevistas semi-estruturadas com roteiro.

Quanto aos entrevistados, deve-se destacar que como escolas públicas ainda não adotaram o ensino da educação financeira – projeto que o MEC vem procurando desenvolver, participou desta pesquisa por meio de questionário semi-estruturado, a diretora da escola particular Stance Dual da cidade de São Paulo, que possui em sua grade curricular o ensino da educação financeira. Também participaram especialistas em educação financeira e em educação financeira infantil.

Com relação à coleta dos dados desenvolveu-se a seguinte estrutura:

- Questionário Aberto (Q1)– elaborado questões abertas e enviadas por e-mail ao especialista em educação financeira Álvaro Modernell<sup>15</sup>;
- Questionário Aberto (Q2)- elaborado questões abertas e enviadas por e-mail a diretora da escola Stance Dual, com o proposito de conhecer sobre o assunto e sua aplicação.
- Entrevista semi-estruturada com roteiro (R1) – entrevista presencial com a coordenadora Laís Fontenelle Pereira do projeto Criança e Consumo do Instituto Alana, cujo propósito foi conhecer a relação criança e consumo e seus impactos;
- Entrevista semi-estruturada com roteiro (R2) – entrevista via skype (ferramenta de comunicação), com a especialista em educação financeira infantil Cássia D’Aquino, cujo propósito foi explorar sobre o assunto partindo de uma especialista
- Entrevista não estruturada aberta (R3) – entrevista por telefone, com a educadora e representante do MEC (Ministério da Educação) Prof. Alzira, com a educadora foi possível conhecer as propostas do MEC de introduzir a Educação Financeira Infantil nas base curricular das escolas.

Sendo que a amostra dos dados coletados será não-probabilística, ou seja, a seleção de elementos sem utilização de conceitos estatísticos da população, utilizando assim apenas experiencia pessoal e conhecimento especializado (HAIR, 2005, p.246).

---

<sup>15</sup> Álvaro Modernell - Especialista em educação financeira, lançou dois livros infantis sobre o assunto. Um deles, chamado de “O pé de meia mágico” estimula as crianças a guardarem e cuidarem dos seus brinquedos, mostrando as vantagens de agir assim. Incentiva a separar uma parte da mesada para realizar seus objetivos. É mais indicado para introduzir os conceitos de educação financeira de forma lúdica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a influência que a mídia exerce sobre as crianças, na busca de torná-las novos e fieis futuros consumidores, introduzir a educação financeira desde cedo se faz de grande importância e, sendo que o assunto não é tão explorado no Brasil, despertou-nos o interesse em explorá-lo, para conhecer sua amplitude, impacto e importância. Para investigação do assunto formulou-se a seguinte hipótese: “A educação financeira infantil é fundamental para o consumo consciente”.

Utilizando-se de pesquisas bibliográficas e entrevistas com especialistas, foi possível compreender como ocorre o processo de educação financeira na família e a importância da escola que contribui para criar as bases que proporcionará, futuramente, saber lidar com as finanças.

Entretanto, é necessário ressaltar que a família é a primeira responsável por essa educação. Muitas vezes os pais se deparam com situações cotidianas em relação ao dinheiro e ao consumo, e se estiverem conscientes da educação financeira podem transmitir as crianças não só conhecimentos didáticos sobre ele, mas também a forma correta de seu uso.

Contudo, esta educação financeira deve ser muito bem estruturada, respeitando cada fase da criança e seu desenvolvimento, pois se não for fundamentada, ao invés de ajudar, pode prejudicar, criando crianças que quando adultas, serão avarentas ou com um exacerbado medo de obter um bem em detrimento de precisar poupar

Em fim, se os pais tiverem consciência da importância que a educação financeira infantil tem para as crianças, e os mesmos não cederem aos impulsos de consumo tendo a escola como participante ativa deste processo de forma a frisar os benefícios que ela proporciona, pode-se então validar a hipótese proposta nesta pesquisa. É válido realçar que o conhecimento adquirido neste trabalho não se esgota. É possível ampliar a aprofundar as contribuições que a educação financeira na infância pode proporcionar.

Ao longo desta pesquisa, foi possível perceber a falta de material bibliográfico relacionado à educação financeira infantil. Portanto, acredita-se que uma das maiores contribuições deste trabalho é propagar o assunto educação financeira infantil e inserir, no meio acadêmico, este importante tema, tão pouco discutido.

Considera-se que, tendo como referência a contextualização que se fez presente, será possível questionar e conseguir outras respostas, para que as contribuições nessa área possam ser cada vez mais divulgadas na sociedade.

É possível apontar alguns questionamentos para pesquisas posteriores: Influência da educação financeira da população na economia do país; Estudos de casos em países que implementaram disciplinas no currículo escolar visando à educação financeira dos estudantes; Exploração do analfabetismo financeiro da população por empresas atuantes no mercado financeiro; Qual o significado do dinheiro para as crianças e adolescentes? Quais são os principais e necessários aspectos em relação ao dinheiro que devem constar da preparação dos pais, para que possam educar seus filhos?

Capitalismo, consumismo, ações midiáticas tudo contribuindo para cada vez mais tornar cidadãos alienados e dependentes. Para lidar contra isto só ha uma ferramenta, a educação, seja ela para tornar pessoas conscientes de seu papel na sociedade ou no trato de suas próprias finanças.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Ordália Alves de, 14<sup>o</sup>. Congresso Brasileiro de Educação Infantil-OMEP/BR/MS, realizado no Palácio popular da cultura, em Campo Grande/MS, nos dias 10 a 13/07/2002, p 15.

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO (ACSP), Resultado da Pesquisa de Inadimplência – SCPC e USECHEQUE, disponível em: <<http://www.acsp.com.br/indicadores/indicadores.html>>. Acesso em 01 abril 2009 12h57min:25s.

BEULKE, Carla Simone, A Influência do Consumidor Infantil Sobre os Pais na Tomada de Decisão de Compra de Produtos Alimentícios Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UERJ – 5 a 9 de setembro de 2005, p 6.

BORIOLA, Claudio, Projeto "Educação financeira nas Escolas". Disponível em: <[http://www.boriola.com.br/legislacao1.asp?f\\_codigo=16](http://www.boriola.com.br/legislacao1.asp?f_codigo=16)> Acesso em 06 junho. 2009.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988, p 305.

CERBASI, Gustavo - Filhos inteligentes enriquecem sozinhos - como preparar seus filhos para lidar com o dinheiro - São Paulo: Editora Gente, 2006, p. 56.

\_\_\_\_\_ - Casais Inteligentes enriquecem juntos – São Paulo: Editora Gente, 2004, p. 163.

COSTA, Patrícia: A falta de educação financeira, disponível em: <<http://opiniaoenoticia.com.br/interna.php?id=17349>>. Acesso em 01 março 2009 08h15min:25s.

D'AQUINO, Cássia de. A importância da educação financeira, disponível em: <<http://www.psicologia.org.br/internacional/pscl34.htm>>. Acesso em 14 março 2009 12h02min:18s.

\_\_\_\_\_ Educação financeira – Como Educar seus Filhos – São Paulo. Editora Campus, Coleção Expo Money, 2008, p 180.

\_\_\_\_\_ O que é Educação financeira? - disponível em: <[http://www.educfinanceira.com.br/conteudo.asp?id\\_conteudo=2](http://www.educfinanceira.com.br/conteudo.asp?id_conteudo=2)>. Acesso em 02 março 2009 13h25min:18s , s.d., 1996, p 2.

DOUGLAS, Mary, ISHERWOOD, Baron. O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004, p 302.

ENGEL, James F.; BLACKWELL, Roger D.; MINIARD, Paul W. Comportamento do consumidor. 8. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2000.

FREITAS, Newton. Educação financeira infantil, disponível em: <[www.newton.freitas.com.br](http://www.newton.freitas.com.br)>. Acesso em 02 março 2009. 12h30min.

GALLO, Eileen; GALLO, Jon - Como criar filhos financeiramente inteligentes, São Paulo: Editora Landscape, 2006. p 110.

GIL, Antônio Carlos, 1946- Como elaborar projetos de pesquisa - 3ª ed. - São Paulo: Atlas, 1991, p 158

GITMAN, Lawrence Jeffrey – Princípios de Administração Financeira, 10ª edição, tradutor Antonio Zoratto Sanvicente, São Paulo, 2004, p 745.

GONSALVES, Elisa Pereira, Iniciação à pesquisa científica, 3ª Ed. Campinas, São Paulo: Editora Alínea, 2003.

GUIRALDELLI Junior, Paulo. História da Educação. - São Paulo: Cortez, 1994. - 2. ed. Ver - (Coleção magistério. 2º grau. Série formação do professor). 1. Educação - Brasil - História. I. Título. II. Série.

HOUAISS, Dicionário Eletrônico, versão 2.0a, produzido pela Editora Objetiva, Abril 2007,

INSTITUTO AKATU: as novas relações de consumo no século XXI, São Paulo: Instituto Akatu, 2003, p 68.

HAIR Jr; Joseph F; Babin; MONEY, Arthur H.; SAMOUEL, Philip. Fundamentos de métodos de pesquisa da administração. Poro Alegre: Bookman, 2005, p 472.

KARSAKLIAN, Eliane, Comportamento do consumidor, 2 ed – São Paulo:Atlas, 2004.

KIOYOSAKI, Robert T.; Sharon L. Lechter - Pai Rico, pai pobre: o que os ricos ensinam a seus filhos sobre dinheiro, Ed. 66ª, Rio de Janeiro: Elsevier, 2000, p. 60.

LINN, Susan. Crianças do consumo: a infância roubada. São Paulo: Instituto Alana, 2006, p 328.

LIMEIRA, Tânia M. Vidigal – Comportamento do Consumidor – São Paulo: Saraiva, 2008.

LUTZ, Veronika Koch und Ulrike, HOEHNKE, Karen – Objetivismo na filosofia e na Metodologia do Ensino, disponível em: < [http://www.fask.uni-mainz.de/user/kiraly/Portugues/gruppe1/grundlagen\\_objektivismus.html](http://www.fask.uni-mainz.de/user/kiraly/Portugues/gruppe1/grundlagen_objektivismus.html)>, consultado em 20/10/09.

MANFREDINI, Andreza Maria Neves, Pais e Filhos: um estudo da educação financeira em famílias na fase de aquisição, 2007, 218 f., Dissertação Mestrado em Psicologia Clínica, Pontifício Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

MATTA, Rodrigo Octávio Beton, Oferta e demanda de informação financeira pessoal: o Programa de Educação financeira do Banco Central do Brasil e os universitários do Distrito Federal, 2007, 214 f., Dissertação Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Departamento de Ciência da Informação e Documentação da Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

MODERNELL, Álvaro. Cofrinhos como instrumento de educação financeira, disponível em <<http://www.edufinanceira.com.br/index.php?ac=leiamais&ar=54>>. Acesso em 01 março. 2009. 12h15min:20s



\_\_\_\_\_. Por que educação financeira para crianças, disponível em <<http://www.maisativos.com.br/index.php?ac=leiamais&ar=50>>. Acesso em 01 abril 2009a.

MARKETING INFANTIL, Risco em anuncio voltados para crianças, disponível em <<http://blogs.abril.com.br/marketinginfantil/2008/09/professora-harvard-ve-risco-em-anuncios-voltados-para-crianca.html>>. Acesso em 06 setembro de 2009.

NETPSI – Psicologia Social, disponível em <[http://www.netpsi.com.br/linhas/psicologia\\_social.htm](http://www.netpsi.com.br/linhas/psicologia_social.htm)>.. Acesso em 07 setembro 2009

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. Educação Infantil: Muitos Olhares, Ed 5, Cortez, p 187.

PATTO, MARIA HELENA SOUZA, Introdução à psicologia escolar, 3ª Ed, São Paulo, Casa do Psicólogo, 1997, p 468.

PEIC – Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor. Disponível em: <[www.fecomercio.com.br](http://www.fecomercio.com.br)> Acesso em: 08 de Agosto de 2008.

PSIQWEB – Teoria da Personalidade. Disponível em: <<http://www.psiqweb.med.br/site/?area=NO/LerNoticia&idNoticia=131>> Acesso em: 06 de Setembro de 2009.

SAVOIA, Jose Roberto Ferreira; SAITO, Andre Taue, SANTANA, Flávia de Angelis. Paradigmas da Educação financeira no Brasil. Dez 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-76122007000600006&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-76122007000600006&script=sci_arttext)> Acesso em 01 março. 2009. 12h15min:20s

SPAGGIARI, Sergio. Considerações críticas e experiências de gestão social. IN: BONDIOLI, Anna e MANTOVANI, Susanna. **Manual de educação infantil: de 0 a 3 anos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 9ª edição, 1998, p 139.

TREVISAN, Ronie et al., A importância da aprendizagem de noções de finanças no ensino médio das escolas de Santa Maria-RS, Revista de Contabilidade do Mestrado em Ciências Contábeis da UERJ, Rio de Janeiro, v.12, n.1, p.1, jan./abril, 2007.

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, História da Educação Infantil, disponível em: <[www.uff.br/feuff/departamentos/.../educacao\\_infantil\\_e\\_leis.doc](http://www.uff.br/feuff/departamentos/.../educacao_infantil_e_leis.doc)>, Acesso em 19/07/2009.

VIANNA, Carlos Eduardo Souza, Evolução histórica do conceito de educação e os objetivos constitucionais da educação brasileira, disponível em: <<http://www.fatea.br/seer/index.php/janus/article/view/41/44>>, Acesso em 20/10/2009

ZILLOTTO, Denise Machado, O consumidor: objeto da cultura, Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

## **APÊNDICE – Questionário para especialista em educação financeira (Q1)**

Este questionário visa conhecer a respeito da educação financeira sobre a visão do especialista financeiro Sr. Álvaro Modernell.

### 1) Como você define Educação Financeira Infantil (EF)?

Álvaro Modernell: Criamos duas definições como conceitos de Educação Financeira, um para adultos e outro dirigido às crianças. Mas nos dois casos as definições não se restringem à educação financeira infantil. Essas definições vêm sendo adotadas por várias instituições e profissionais.

Conceito geral: É um conjunto amplo de orientações e esclarecimentos sobre posturas e atitudes adequadas no planejamento e uso dos recursos financeiros pessoais.

Conceito para crianças: São dicas para ajudar as crianças a lidar melhor com o dinheiro, agora e no futuro.

Até o momento não concebemos nenhum conceito específico com essa ótica. Também não encontramos nenhum que nos satisfaça.

### 2) Em sua opinião, quais os principais marcos na história da Educação Financeira?

Álvaro Modernell: Em termos de Brasil, sem dúvida alguma o principal marco que propiciou o advento da educação financeira foi o fim da inflação. Com isso, anos mais tarde as pessoas perceberam que era importante planejar, entender mais sobre finanças pessoais, defender-se das armadilhas do mercado, organizar as contas da família e outros elementos reunidos no conjunto de conhecimentos e orientações abarcados pelo que hoje denominamos educação financeira. Na área legislativa, a aprovação da ENEF foi outro marco relevante que ainda vai produzir bons frutos para o país.

Falando em literatura, não há como não reconhecer a importância dos livros Pai Rico, Pai Pobre e Os segredos da mente milionária. Foram as bases para a maioria dos princípios e livros hoje utilizados em EF.

### 3) Como tem evoluído a Educação Financeira Infantil no Brasil?

Álvaro Modernell: De maneira satisfatória, a meu ver. Nas pesquisas que fiz identifiquei escolas que já trabalhavam com educação financeira infantil há mais de vinte anos (aí em São Paulo, por exemplo, consultem a escola São Gabriel, falar com a Diretora Karen). Ainda que não utilizassem esse nome.

Nos últimos dez anos alguns poucos profissionais procuraram sistematizar técnicas e teorias, abrindo espaços ainda pouco explorados e despertando o interesse da população. Nos últimos cinco anos houve uma evolução notável. Não apenas em número, mas também em qualidade. São inúmeros os profissionais que passaram a se dedicar a esse tema. Já são centenas de escolas, muitas cooperativas, várias empresas, alguns municípios e várias instituições que se dedicam ao tema.

O grande avanço deve ocorrer a partir de 2010, por conta do projeto do MEC que está em andamento que pretende levar EF a todas as escolas públicas do país, inicialmente no ensino médio e logo a seguir alcançando também o ensino fundamental

- 4) Ao implantar a Educação Financeira Infantil nas escolas – sabendo-se ainda que nem todos os pais tenham habilidades com o trato do dinheiro, além do fato de que todo e qualquer aprendizado é um processo contínuo, seu aprendizado não acabaria ficando restrito apenas as paredes da sala de aula? Há depoimentos de pais que acabam se contagiando e procuraram saber mais sobre o assunto?

Álvaro Modernell: Não concordo com essa premissa. É certo que o ideal seria a criança receber orientações complementares da família e na escola, mas a ausência de um não impede o aprendizado. O segundo aspecto é verdadeiro e bastante positivo. São muitos os casos de adultos que se interessam pelo tema finanças a partir do envolvimento de seus filhos com educação financeira. Esse é inclusive um aspecto já comprovado em nível mundial e também por isso a ENEF - Estratégia Nacional de Educação Financeira incluiu as crianças como público prioritário nas suas ações.

- 5) Como vem ocorrendo a evolução, em termos qualitativos e quantitativos, da Educação Financeira nas escolas?

Álvaro Modernell: Vide item 3. Desconheço a existência de dados confiáveis a respeito. Vocês conseguiram algum número sobre isso?

- 6) Qual o papel da escola na Educação Financeira infantil?

Álvaro Modernell: As escolas têm papel fundamental também nessa área. Mesmo as famílias preocupadas com esse assunto enfrentam dificuldades de abordar a questão. Às vezes têm dificuldades até para fazer com que as crianças se interessem pelo assunto. Assim, quando as escolas adotam projetos de educação financeira oferecem também material sistematizado e apoio profissional que serve de alicerce para a complementação das orientações familiares.

- 7) Quais escolas, são de seu conhecimento, já possuem implantado ou estão implantando essa disciplina? Qual a faixa etária dos alunos? Sendo elas do Estado de São Paulo, poderia nos fornecer contato para um estudo de caso?

Álvaro Modernell: Já são muitas as escolas, distribuídas pelo país inteiro. Mas a maioria não adota educação financeira como uma disciplina. Inclusive essa não é a tendência e não será assim o modelo adotado pelo MEC. A idéia é inserir a educação financeira no modelo transversal, relacionando-se às demais disciplinas. Também sou partidário desse modelo. A maioria das escolas optou por utilizar livros de educação financeira no contexto da literatura complementar. Muitas fazem eventos como semana da educação financeira ou projetos como supermercado ou feirinha. Algumas fazem teatros, dramatizações, visitas a bancos e outras entidades, etc. Há também casos de escolas que fazem parcerias com instituições especializadas, como a The Money Camp ou Junior Achievement (voltada para empreendedorismo, mas também aborda educação financeira). Eis algumas escolas do estado de São Paulo que me ocorrem no momento das quais eu tenho o contato para indicar: Escola São Gabriel - Karen Kaufmann - [karenks@terra.com.br](mailto:karenks@terra.com.br); The Money Camp - Sílvia Alambert - [silvia.alambert@themoneycamp.com.br](mailto:silvia.alambert@themoneycamp.com.br); Este ano visitei uma escola de Brasília que me chamou a atenção a forma como eles vem motivando as crianças no estudo da Educação Financeira. Vale à pena o contato Escola Batista - Prof. Edna - [cbatista@colegiobatista.com.br](mailto:cbatista@colegiobatista.com.br).

- 8) Segundo os atuais modelos como a Educação Financeira é incorporada na grade curricular da escola? Segundo seu vasto conhecimento no assunto, existiria uma melhor forma de implementar tal disciplina ao currículo das escolas?

Álvaro Modernell: Vide questão anterior.

- 9) Após ter contato com a Educação Financeira a Crianças tem alguma alteração com relação ao seu comportamento com o dinheiro e seus gastos?

Álvaro Modernell: A mudança é da água para o vinho. Percebe-se com facilidade como ficam mais cuidadosas com seus brinquedos, suas roupas e seu dinheirinho. Todas passam a adotar cofrinhos. Ficam atentas aos preços das coisas. Muitas abandonam ou reduzem o hábito de colecionar figurinhas e preencher álbuns. Ficam mais atentas ao combate ao desperdício. Preocupam-se mais com a natureza e combatem mais desperdícios como o de água, energia e alimentos. Demonstram maior maturidade e consciência com a importância da poupança para o seu futuro.

- 10) Para implantação da educação financeira infantil há treinamento específico para os professores ou são contratados profissionais especializados?

Álvaro Modernell: O ideal é que os professores da própria escola participem de algum tipo de treinamento e depois assumam o papel diante dos alunos da escola.

- 11) As escolas públicas, nas quais, na maioria das vezes o poder aquisitivo das famílias é pequeno, como é feita a implantação e desenvolvimento dessa disciplina?

Álvaro Modernell: Consulte [www.vidaedinheiro.com.br](http://www.vidaedinheiro.com.br). O MEC está desenvolvendo um ambicioso projeto de educação financeira para levar EF a todas as escolas públicas do Brasil. As informações do site estão um pouco desatualizadas. Entrem em contato e peçam informações atualizadas. O contato no MEC pode ser a Prof.<sup>a</sup> Alzira.

- 12) Há algum projeto para levar às escolas mais carentes a Educação Financeira Infantil? Caso afirmativo, quais as dificuldades de sua implantação, uma vez que as crianças, na maioria das vezes, não recebem mesada?

Álvaro Modernell: Vide questão 15 e anteriores.

- 13) Nos dias de hoje o senhor (a) considera que algumas famílias ainda acreditam que falar de dinheiro, com seus filhos é algo complicado, quase um TABU?

Álvaro Modernell: Felizmente isso está mudando rapidamente. Porém ainda são poucos os pais que sabem como abordar essa questão. Fábulas e livros infantis ainda são os melhores "ganchos" para iniciar conversas.

- 14) Tomando-se por base que, desde meados de 2006, esta em estudo pelo MEC, à aplicação da Educação Financeira, como senhor (a) avalia o desenvolvimento do projeto?

Álvaro Modernell: Está caminhando a passos firmes. Porém a que considerar-se que em um país com o tamanho e a diversidade do Brasil as coisas não são tão fáceis de ser

equalizadas. Como cidadão gostaria que o projeto andasse mais rápido. Mas como profissional compreendo os trâmites necessários para elaborar e divulgar um projeto com a importância e dimensão desse.

- 15) O (a) senhor (a) acredita ser possível um adulto aprender com a Educação Financeira e mudar sua rotina com relação à utilização de seus recursos?

Álvaro Modernell: Cachorros velhos também aprendem truques novos. Acredito piamente. Já contribuí para muita gente conquistar essa mudança.

- 16) Qual relação deve existir entre os pais e as escolas no que tange à Educação Financeira Infantil de seus filhos?

Álvaro Modernell: Claro. Tanto quanto um menino criado apenas pela mãe possa se interessar por futebol. Uma coisa não impede a outra. Obviamente que havendo um ambiente favorável a criança teria menos dificuldades e mais estímulos, principalmente por meio dos exemplos.

- 17) O (a) senhor (a) concorda que é nas escolas mais carentes, que se deve dar especial atenção sobre como lidar com o dinheiro, mesmo sendo ele mínimo?

Álvaro Modernell: Não vejo assim. Acho que todos devem receber atenção por igual. Apenas as abordagens devem ser diferentes.

- 18) Qual a aceitação da Educação Financeira, para as crianças, pais, escolas e sociedade, nos dias de hoje?

Álvaro Modernell: Muito positiva. Ainda não me deparei com nenhum caso de rejeição. Mas é preciso ficar atento para não exagerar. As abordagens devem ser sutis. Apesar do assunto ser "de gente grande", não devemos nos esquecer que estamos lidando com crianças. Deve-se abusar do lúdico e ter paciência para não saturar as crianças.

- 19) Segundo sua experiência, pais de classe média, cujos filhos freqüentam escolas particulares e recebem mesada, assumem e buscam que seus filhos sejam educados financeiramente ou rejeitam a idéia?

Álvaro Modernell: Não tenho dados com esse tipo de segmentação.

- 20) Alguns especialistas citam que podemos começar a educar "financeiramente" nossos filhos a partir do quarto mês de vida. O (a) senhor (a) concorda com essa afirmação? Por quê?

Álvaro Modernell: Não encaro o tema com essa precisão. Até porque cada criança tem um nível de maturidade diferente. Mas concordo que muito cedo é possível preparar o terreno. Essa idéia de começar EF com bebês de poucos meses relaciona-se aos pais não cederem a todas "chantagens" das crianças. Mas convenhamos que um pouco de mimo não faz mal a ninguém. Nada de radicalismos. Acho mais realista encarar a introdução da EF no seu conceito próprio a partir dos primeiros anos de vida.

21) É possível compreender e praticar Educação Financeira apenas com a leitura de bons livros sobre o assunto?

Álvaro Modernell: É o caminho mais acessível. Principalmente quando não se possui exemplos e orientação familiar. Na internet também se encontram muitos bons materiais sobre o assunto (dicas, artigos, reportagens). Mas toda teoria deve ser posta em prática para apresentar melhores resultados.

22) Qual a forma mais simples de se promover a Educação Financeira?

Álvaro Modernell: Por meio de exemplos domésticos, do envolvimento da criança nas rotinas familiares e pela apresentação de literatura especializada, como no caso das fábulas. Permita-me também sugerir o uso dos meus livros. Atualmente sou o autor brasileiro com maior quantidade de títulos relacionados à educação financeira direcionados para o público infantil.

23) Embora os especialistas digam que “não há receita de bolo”, quanto à educação financeira, o que se verifica é que as dicas e sugestões dos mesmos são muito parecidas, diferenciando-se apenas pelo método. Como saber qual a melhor forma de aplicar a Educação Financeira Infantil?

Álvaro Modernell: Mais fácil dizer qual a pior forma: não adotar nenhuma "receita". Acho que a melhor forma e o melhor método é aquele que apresenta bons resultados. E isso depende muito do ambiente, da criança, dos facilitadores. Estou entre aqueles que dizem que não há "uma receita de bolo ideal". Mas acho que existem muitas boas receitas. Comparo essa questão às receitas de brigadeiro. Existem muitas. Todas resultam em algo bom. Basta selecionar os ingredientes e usar alguns passos básicos. Mas será sempre difícil dizer qual a melhor receita. E também não vejo essa necessidade. O importante é que as crianças gostam de brigadeiro e devemos nos esforçar para que gostem também de educação financeira. Cada escola, cada pai, cada profissional vai adaptar sua receita à medida que vivencie suas experiências.

## APÊNDICE – Questionário para escolas participantes (Q2)

Questionário desenvolvido para conhecer a educação financeira infantil sobre a visão dos diretores das escolas que possuem em sua grade escolar esta disciplina, realizado na escola Stance Dual.

1) Qual o papel da escola na Educação Financeira infantil?

A escola é uma colaboradora na formação dos alunos e tem buscado aproximar os conceitos de Educação Financeira da rotina da sala de aula. Seu papel é oportunizar o contato com estes conceitos, pois na medida em que os alunos se envolvem, mesmo que apenas linguisticamente, começa a caracterizar-se uma prática mais reflexiva de conscientização coletiva e menos impulsiva dos desejos pessoais.

2) Após ter contato com a Educação Financeira a Crianças tem alguma alteração com relação ao seu comportamento com o dinheiro e seus gastos?

As crianças da Educação Infantil pouco têm contato com o dinheiro e geralmente as compras são feitas pelos pais ou adultos responsáveis. O trabalho com Educação Financeira propõe o contato com cédulas e moedas, deixando-os mais a vontade para manusear o dinheiro, mas principalmente propõe atividades relacionadas ao querer, precisar, poupar, compartilhar etc. noções que farão total diferença na forma como estes alunos lidarão com o dinheiro e seus gastos futuramente.

3) Em sua opinião, uma criança, cujos pais não são aptos a lidar com suas finanças, pode vir a se interessar por Educação Financeira por si própria?

Sim. Os pais são importantes referências para seus filhos, mas acredito que a forma de agir dos pais, influencia seus filhos tanto para buscarem aquilo que querem fazer da mesma forma, como aquilo que querem fazer diferente. De qualquer maneira, é fundamental que a criança tenha algum contato com o assunto, para que tenha a possibilidade de ampliar seus interesses.

4) Qual a forma mais simples de se promover a Educação Financeira?

No ambiente escolar, na Educação Infantil, a forma mais simples é através de jogos, leitura de histórias e brincadeiras relacionadas ao tema. Também é importante que os alunos tenham bons modelos, pois muito do que se aprende é aquilo que vivenciamos.

5) Como você define Educação Financeira Infantil?

Em minha opinião, Educação Financeira nesta faixa etária define-se pela possibilidade de, desde cedo, trabalharmos com os alunos aquilo que se refere a resolução de problemas e a fazer boas escolhas. Para nós, Educação Financeira não tem a ver apenas com o dinheiro, mas sim com uma postura que se assume frente à vida.

6) Ao implantar a Educação Financeira Infantil nas escolas – sabendo-se ainda que nem todos os pais tenham habilidades com o trato do dinheiro, além do fato de que todo e qualquer aprendizado é um processo contínuo, seu aprendizado não acabaria ficando

restrito apenas as paredes da sala de aula? Há depoimentos de pais que acabam se contagiando e procuraram saber mais sobre o assunto?

Temos como objetivo que todos os conceitos trabalhados na escola possam ser ampliados para outros contextos, além da sala de aula. Quando falamos de Educação Financeira, falamos de pontos estreitamente ligados à capacidade de assumir uma vida independente, fundamental para o ser humano. Muitos pais se interessam pelo assunto e buscam entender do que se trata.

- 7) Segundo os atuais modelos como a Educação Financeira é incorporada na grade curricular da escola? Quais as técnicas ou material utilizado para o desenvolvimento desta disciplina?

Na Educação Infantil há uma flexibilidade no currículo e os conceitos de Educação Financeira permeiam as diferentes áreas. As estratégias utilizadas são rodas de conversa, histórias, jogos, dramatizações etc. e os materiais são livros, notícias, fantoches, pôsteres.

- 8) Para implantação da educação financeira infantil há treinamento específico para os professores ou são contratados profissionais especializados?

Contratamos uma assessora que iniciou o trabalho com os adultos da escola, sensibilizando-os para este tema, além de discutir a relação que eles tinham com o dinheiro. Os conceitos de Educação Financeira foram apresentados e as professoras deram continuidade ao assunto, incluindo em seu planejamento ações/atividades contempladas no dia a dia, nas diversas áreas.

- 9) Nos dias de hoje o senhor (a) considera que algumas famílias ainda acreditam que falar de dinheiro, com seus filhos é algo complicado, quase um TABU?

Acredito que muitas pessoas não têm idéia de quantas situações estão ligadas à forma com a qual nos relacionamos com o dinheiro e deixam de aproveitar oportunidades para ajudar na formação de valores e atitudes que incluem também esta vivência. Atualmente, o contato com este tema é bem maior e aos poucos as famílias vão mudando seu comportamento. No entanto, a forma como esta relação foi construída traz para o adulto a tranquilidade ou não de se falar sobre o dinheiro e para algumas famílias isto ainda é um tabu.

- 10) O (a) senhor (a) acredita ser possível um adulto aprender com a Educação Financeira e mudar sua rotina com relação à utilização de seus recursos?

Sim, sem dúvida. Quanto mais acesso à informação e identificação do adulto com o tema, é possível haver uma mudança na rotina. Os próprios alunos levam para casa este interesse e muitas ações são incorporadas à rotina da família.

- 11) Qual a aceitação da Educação Financeira, para as crianças, pais, escolas e sociedade, nos dias de hoje?

Para as crianças, toda proposta é bem-vinda. Os conceitos trabalhados em Educação Financeira são atraentes e envolvem os alunos de tal forma que são incorporados naturalmente na rotina deles. A escola optou por trabalhar com Educação Financeira, tema



que, para nós faz parte da formação de valores e atitudes. E os pais e a sociedade só têm a ganhar com um trabalho que contribui para a vida futura destes alunos.

12) É possível compreender e praticar Educação Financeira apenas com a leitura de bons livros sobre o assunto?

Na medida em que os professores se informam as mudanças começam a ocorrer, mas é importante ter um grupo de discussão que escreva uma seqüência ou projeto de trabalho que perpassa as diferentes áreas, sem que seja uma disciplina específica.

13) De que forma a Educação Financeira contribui para o sucesso (financeiro) de uma criança no futuro?

É impossível prever o sucesso, mas uma criança que teve a possibilidade de refletir sobre esta temática, vivenciar esta prática, tem mais informações e condições de lidar de uma forma positiva em relação as suas finanças.

14) Considerando que estamos vivendo em uma sociedade altamente consumista cuja tendência é de que tal situação se perpetue, uma vez que até mesmo o marketing vem sendo mais direcionado às crianças -, como ensinar a administrar o dinheiro sob tal conjuntura?

Através de histórias, dramatizações e rodas de discussões, os professores trabalham o conceito de “querer e precisar” . Fazem cartazes, comparam as diferentes opiniões e com a mediação do professor, as crianças refletem sobre este tema.

15) Qual a reação das crianças com relação à Educação Financeira? De que forma elas vêem o dinheiro?

Ao iniciar o trabalho com Educação Financeira, as crianças são muito receptivas, mas têm a idéia de que com dinheiro, tudo pode ser comprado. Ao longo do trabalho, ampliam as possibilidades da função do dinheiro: nem tudo pode ser comprado e dinheiro não serve apenas para gastar. O poupar, doar, emprestar, investir etc. Começam a fazer parte deste universo.

16) Pretendemos demonstrar a correlação entre o ensino financeiro e o consumo racional, visando, sobretudo, destacar que a educação financeira busca fazer com que o indivíduo aprenda a lidar com suas finanças de modo a despertar no indivíduo capacidade de transformar o ato de consumo compulsivo em racional. Como educação financeira infantil pode tornar as crianças, futuramente, adultos aptos para gerenciar as próprias finanças e a contribuir para um consumo racional?

Com discussão freqüentes experiências próprias, modelos, enfim, acesso à informação. Para nós, a Educação Financeira é o início de um trabalho que pode se desabrochar ao longo da vida.

## APÊNDICE – Roteiro sobre consumo (R1)

Roteiro desenvolvido para conhecer a relação criança e consumo, entrevista realizada com a coordenadora Lais Fontenelle Pereira do projeto Criança e Consumo do Instituto Alana.

- 1) Em que a Educação Financeira pode contribuir com esse consumismo desenfreado que nós temos?

**Instituto Alana:** Uma forma de lidar com esse excesso, o projeto Criança e Consumo agente tem uma visão de que se agente pensar nas relações de consumo, o que elas envolvem, numa troca financeira, pra eu comprar um determinado objeto eu tenho que ter uma verba. A criança por lei não pode trabalhar tendo um contrato específico de acordo com a legislação, então a criança não poderia ser enxergada como ela tem sido pelo mercado como uma consumidora porque não poderia nem participar dessas trocas quando quem compra para as crianças são os pais. Estou falando de crianças até 12 anos.

Eu acho que essa criança pequenininha que estou falando, que ainda não tem a capacidade de abstração tanto pensamento e de senso crítico, ainda não consegue nem fazer comprar se agente for pensar, ela não está apta a participar dessas trocas, então é curioso e interessante que a criança, não sei a partir de que idade, talvez a Cássia D'Aquino possa te dizer melhor, mas sempre eu acho que uma educação para um consumo consciente com mais reflexão é interessante, agora a forma como cada família vai lidar com isso é muito singular, se eles vão dar um porquinho de cerâmica pra criança pra ensinar ela a poupar ou se vai ser um combinado de uma data específica, a criança pediu um presente muito caro para o orçamento familiar, então o que eles vão fazer, como que agente vai lidar com isso: agente vai mostrar pra você o valor do dinheiro e o valor desse objeto que você nos pediu.

- 2) Então você vai começar a juntar as moedas de um real dentro de um porquinho para que você nos ajude no final do ano, no natal a comprar o objeto tão desejado.

Eu acho que o diálogo é sempre fundamental e o resgate desse diálogo hoje em dia precisa acontecer entre as gerações, mais a criança precisa ser preservada, ai é uma visão não só pessoal como institucional, desses apelos de mercado porque ela de fato não está pronta. Não é a toa que o Estatuto da Criança e do Adolescente, os maiores teóricos do desenvolvimento infantil, dataram a idade de 12 anos como a idade em que a criança já está minimamente apta a entender algumas relações, porque antes ela está em desenvolvimento total, ela não consegue entender o valor, porque o dinheiro é uma questão muito subjetiva, a nota para uma criança pode ser um brinquedo se você pensar, cartão de crédito então é uma abstração tamanha que a criança não tem condições.

- 3) Mais ainda que a criança diga: “Compra isso!” E os pais ao indagar dizendo não ter dinheiro e recebem como resposta: “Põe no cartão ou dá cheque?”

**Instituto Alana:** Ela não tem noção ela reproduz o discurso que ela ouviu e nas brincadeiras, por que as meninas que meninas em outros tempos brincavam mais com bonecas exercitando a maternidade, porque a brincadeira além de ser uma linguagem da à criança ela serve como um exercício de um comportamento futuro, os meninos brincavam de trabalhar, eles reproduzem, eles imitam o comportamento futuro, então essa fala da criança, que agente acha muito sabida, muito esperta, nada ela está fazendo além de

reproduzir o que ela escuta, tanto de um caixa de um estabelecimento que ela visita quanto dos pais, vai pagar com cheque cartão, a criança está aprendendo.

- 4) Qual a frente de trabalho, onde vocês estão desenvolvendo essa frente de trabalho, se tem alguma parceria de MEC, do governo?

**Instituto Alana:** Não temos parceria com MEC ou governo. Criança e Consumo surgem de uma demanda social mesmo de que o problema do consumismo na infância estava cada vez mais decorrente em todas as classes sociais. Contando com três frentes: área jurídica institucional que é uma área que agente recebe denúncias da sociedade civil e cobra dos órgãos competentes é o papel de organização de terceiro setor mesmo: PROCON. Recebemos uma denúncia de uma publicidade considerada abusiva que envolvia um apelo de erotização precoce encaminhamos as entidades responsáveis, uma vez você pessoa física posta, é lógico que num país como o nosso, é muito mais “fácil” quando vem com a instituição por ter mais força do que pessoa física, mais qualquer pessoa pode fazer isso e agente incentiva isso também.

Fora isso agente acompanha alguns projetos de lei de trabalhar a questão da regulamentação da publicidade que agente acredita que obviamente esse não é o único fator de influência no consumismo na infância, mais que a publicidade dirigida às crianças até os 12 anos tem uma influência grande se não, não traria toda essa discussão. Se você propusesse regulamentar a publicidade para terceira idade não sei se discussão seria tanta, porque é sabido que a criança participa de 80% dos processos de decisão inclusive das compras da família, a maioria das decisões tem o dedinho da criança. Então o projeto Criança Consumo hoje atua nessas três frentes sempre visando à missão que é combater o problema do consumismo na infância.

- 5) Embora a pesquisa Kids Power sobre consumo contasse com a participação do Brasil, pode ser considerada como parâmetro que expressa à realidade brasileira, uma vez que o Brasil é um país ainda economicamente aquém dos países desenvolvidos, cujos índices de consumo são maiores?

**Instituto Alana:** Não sei se vocês já assistiram o documentário Criança a Alma do Negócio, crianças que nunca saíram das comunidades até as crianças de São Miguel, mais elas desejam as mesmas coisas, elas assistem os mesmos. É difícil alguém não ter TV a cabo, porque tem “gato” que as pessoas fazem, enfim, elas tem acesso a essa informação e passam a desejar as mesmas coisas e ai você tem um problema maior porque elas não tem um poder aquisitivo pra isso. Então isso gera um furo no orçamento familiar, porque o pai vai querer prover a essa criança inclusive de algo que ele não teve oportunidade de possuir quando ele era criança, então ele acha assim, se ele der um Play Station II pra criança ele acha que vai ser um pai melhor e essa criança mais feliz do que ele foi. E ai agente tem um problema grave, agente não vivi uma história de violência tão grande só por outros fatores mais esse tem uma influência sim. Você pode perguntar, num morro do Rio de Janeiro todos estão usando um tênis de uma marca conhecida, eles desejam isso, é um fator de inclusão social.

A posse de determinados objetos faz com que você seja aceito ou excluído determinadas rodas, infelizmente, agente vivi numa sociedade consumo. Ninguém ta dizendo que agente deseja que as pessoas mudem, agora que agente tem repensar os hábitos de consumo tem, porque ai você tem impactos inclusive ambientais. Você conversa com qualquer ambientalista que vai te dizer: *Não adianta agente só trabalhar o 5 Rs, agente tem que repensar que o nosso consumo individual tem ligações com as mudanças climáticas.*

Enfim, os lixões não estão ai em céu aberto a toa e fora isso ainda agente vive num país que tem uma desigualdade social absurda, então o que agente consome aqui nos Jardins,

o lixo vai parar nas periferias e as pessoas têm que lidar com isso, não tem esgoto não saneamento, as crianças pegam doenças, é triste isso.

- 6) A Cássia D'Aquino que é especialista nos assuntos das crianças em educação infantil, nós fizemos uma entrevista com ela, e ela vê essa influência das crianças sob os pais e sobre também à forma de consumo com certa ressalva talvez por uma interpretação errada daquela educação de que você tem que ceder a todos os desejos da criança, como você vê isso?

**Instituto Alana:** Não tem que ceder a criança precisa de limites. Como eu te disse tem o problema do consumismo, por que agente atua da área jurídica, pra que o estado que tem o papel. Só uma lei proibindo publicidade pra criança vai resolver? Não vai, mais é imprescindível que ela exista que o acesso vai diminuir, porque ai quando chega aqui, na escala familiar os pais andam tendo uma competição desleal de lutar com um mercado milionário. Ai já tem uma diminuição desse excesso, a criança de alguma forma já está sendo preservada pelo Estado que está previsto da constituição federal artigo 227, a criança é prioridade absoluta.

A nossa constituição tem que ser preservada nesta parte de desenvolvimento e ai chega aqui na escala familiar os pais têm um papel importantíssimo sim, eles têm que saber do poder deles na educação dos filhos, porque parece muitas vezes que a educação está terceirizada, então os pais têm uma influência. Os educadores têm uma influência enorme sim, elas ainda são os principais modelos para muitas crianças. Então não adianta nada você fazer um trabalho de educação ambiental, por exemplo, que é totalmente ligado a questão do consumo com as crianças, se você chega ao final do dia e junta todos os lixos em um mesmo saco, ou você sai na porta da escola e fuma um cigarro, a criança vai aprendendo com todos esse comandos e muitas vezes ela recebe duplos comandos na família e você fala *olha agente vai ao shopping, agente vai entrar numa loja de brinquedos mais é pra comprar um brinquedo para o seu primo que é aniversário dele.*

E ai você entra na loja seguinte que é de sapato e compra três pares de sapato, que tipo de comunicação é essa que você está oferecendo pra sua criança? Então tudo isso influencia a criança precisa de limites, ela é o que agente chama na psicologia infantil de eterono, ela ainda não tem autonomia pra ter certas ações no mundo. Você vê uma criança de cinco anos atravessando a rua, indo na, talvez em comunidade menores, estou falando de grandes centros urbanos. Agente não vê uma criança de cinco anos atravessando a Berrine comprando um refrigerante e voltando pra casa, ela nem alcança às vezes o botão do elevador que levaria ela até o 11º andar, por exemplo, onde ela moraria. Então a criança precisa ser conduzida - pedagogia significa inclusive conduzir a criança - por um adulto até ela ter a capacidade de lidar com o mundo.

- 7) Trabalhar com esse fator consumismo nas escolas, sendo este o local de grande influencia sobre as crianças para o consumo, por exemplo, as crianças com celular novo, roupas de moda. Como lidar com isso nas escolas?

**Instituto Alana:** Temos uma questão muito grave no Brasil. O Brasil é um país em desenvolvimento, as pessoas não têm tanto poder aquisitivo, mais ai eu tenho um dado pra ter dar, que é muito crítico, a criança brasileira é que mais assiste televisão no mundo. Então assim, agente tem a educação formal onde em dia está quase em segundo plano e não deveria estar porque a criança passa mais tempo se relacionando com as mídias, ai eu digo, internet, celular, televisão do que na escola.

A escola tem que, primeiro de tudo, entender esse mundo dessa criança contemporânea, porque é difícil, mais rápido, mais digitalizado. Então, competir com um texto que ela leu online e uma história que ela ouviu numa roda de leitura, são super difícil e o educador tem

que lidar e é imprescindível que ela vivencia as duas coisas. Ninguém está dizendo aqui para as crianças desligarem todos os aparelhos e viverem numa bolha, mais agente tem que ter esse limite e o que acontece nos dias de hoje, nas escolas, como eu já falei muito, a educação ambiental já entrou.

- 8) Em que aspecto você comenta, que não seja mais a mídia que traga valores e sim a família?

**Instituto Alana:** Que a família possa dialogar sobre os valores que são passados pela mídia para as crianças. A comunicação como sempre vai passar valores e informação, a forma como as crianças e as famílias vão lidar com isso.

- 9) Os pais não ficam em casa, deixam a mercê da mídia, até que ponto cabe a nova geração fazer essa conscientização?

**Instituto Alana:** Tem que pegar as rédeas de novo

## **APÊNDICE – Roteiro entrevista especialista em educação financeira infantil (R2)**

Questionário desenvolvido para conhecer sobre o assunto da educação financeira infantil sobre a visão da especialista Cássia D'Aquino

1) Em sua opinião, quais os principais marcos na história da Educação Financeira?

Educação financeira aqui no Brasil, o marco não sei se tem não viu, eu acho podemos pensar talvez mais apropriadamente seja, que com a estabilização da moeda, com o Real em 1994. O que se surge é uma possibilidade de se começar a trabalhar a educação financeira, isto acabou abrindo definitivamente o leque, pois tivemos muitas trocas de moeda desde o império, aliás, é interessante, porque no império a gente tinha os Reis, que durou até 1942, de 42 pra cá houve muitas mudanças de moeda, foram 8 mudanças em 70 anos. E isso obviamente é um sintoma da dificuldade do país em lidar com as suas finanças, então a estabilização da moeda, a criação e estabilização do real representa não o marco, mas uma condição pra que se comece a pensar na educação financeira.

2) Como tem evoluído a Educação Financeira Infantil no Brasil?

É preciso colocar as coisas em uma perspectiva correta, que é um seguinte, A educação financeira, ela não pretende que as crianças saibam lidar com o dinheiro de maneira adequada, ou seja, que as crianças se tornem financistas. A idéia toda é construir as bases para que na vida adulta, essa criança venha a lidar bem com o dinheiro, então é um processo de vinte anos, que vai do berço até o início da vida adulta, eu acho que nesses anos, desde que eu comecei esse trabalho, você sabe que eu fui a primeira pessoa a trabalhar educação financeira no Brasil e de lá pra cá muita coisa legal aconteceu, muita coisa boa, muita coisa séria, criativa, mas também tem muita porcaria, muita picaretagem, e tem crescido assustadoramente o número de pessoas que se dizem especialistas e que não são, gente que fala bobagem sem nenhum pudor tem crescido muito, então eu acho que de um lado o que se percebe como bem vindo nesse processo todo, nesse caminhar desses quatorze anos, é o fato de que os pais começam se dar conta, exatamente em decorrência da estabilização da moeda, os pais vão se dando conta de alguma coisa do tipo, na minha vida não foi possível me preparar pra lidar com dinheiro, mas eu gostaria que meus filhos fosse aprendendo a fazer isso, e essa é uma novidade importante e realmente muito bonita, por que se os pais se dão conta que os filhos tem o direito a cumprir um destino diferente do deles, as coisas ficam muito mais fácil, eu não fico condenado a repetir o que meus pais fizeram, essa é eu acho que é a coisa mais importante que aconteceu, ainda há muito que polir muito que rimar, muito que jogar fora, há algumas pessoas que fazem uma confusão grotesca de educação financeira com o enriquecimento, com achar que a criança precisa crescer e ficar rica, isso é uma bobagem americana.

Mas acho que estamos indo para um bom caminho, os pais estão cada vez mais interessados, e se eles se derem conta de como os exemplos deles influenciam a vida do filho, isso é muito legal que aconteça. Os pais sim, parecem que estão cada vez mais preocupados, mais atentos, mais interessados nesse assunto, acho que as escolas fazem muita confusão com esse tema ainda, acho que a maior parte das escolas, por mais que me doa dizer isso, mas a verdade é essa, a maior parte das escolas, porque percebem que os pais estão interessados fingem que fazem alguma coisa e ensinam e fazem de conta que fazem alguma coisa, e é uma mentira, uma desonestidade nisso, algumas outras escolas tem desenvolvido trabalhos belíssimos e que são muito inovados, mas é um assunto ainda muito insipiente, educação financeira é um assunto ali como um bebê de bochecha rosadas, então tem muito o que andar ainda há um caminho imenso a ser

percorrido gente, por agora fazendo um retrato de agora eu acho que tivemos excelentes iniciativas. Mas ainda temos um pouquinho de pisada de bola, mas o processo está em andamento.

### 3) Qual o papel da escola na Educação Financeira infantil?

Não tem aula, o professor não faz nada, professor picareta mesmo, é claro que a escola cobra dos pais essa aula, que isso sirva de alerta para os pais, pois os pais têm que saber o que as escolas estão fazendo de maneira concreta, tem o direito e o dever de acompanhar o que as escolas estão fazendo por que isso não é assunto da escola e sim da família, e a família tem que ficar muito atenta, nem pra ser enganada por essa escola picareta, pelo professor q se suporta em uma papel tão canastrão e desonesto, mas o que eu acho que a escola deve fazer é reconhecer é que não sabe fazer isso, eu acho que se as escolas, e digo sempre a elas em congresso, eu acho que o papel que seria maravilhoso, mas os pais têm que ficar atentos.

Mas um papel honesto da escola seria convocar os pais em uma manhã de sábado tão bonito quanto o dia de hoje e dizer vamos fazer uma manhã de discussão sobre esse assunto pais e professores. O mundo mudou muito, nós não sabemos educar as crianças em relação a esses temas aqui na escola vocês não sabem fazer isso em casa, então vamos ter uma manhã de debate sobre isso, eu acho que esse seria um papel honesto das escolas e seria enriquecedor para todos envolvidos.

Muito melhor, muito mil, mil e milhões de vezes melhor do que as escolas fazerem de conta que sabem fazer isso, quando não sabem, os professores não sabem lidar com as próprias finanças, quem dirá ensinar, quem é que preparou esses professores, que estrutura ele tem, é um tema muito sensível, imagina o que acontece se um professor com idéias alopradas sobre esse assunto dá de dizer o que bem lhe dá na telha, o prejuízo que isso pode causar na formação da criança é imenso, imenso, imensurável, aliás, por isso que eu digo que os pais devem estar muito atento, em cima da escola para saber exatamente o que a escola está dizendo, por que quem vai viver os reflexos disso não é escola é a família, então, os professores devem, antes de mais nada, ter a humildade e a honestidade intelectual de admitir que não sabem, é por isso que eu acho que se as escolas querem fazer alguma coisa, que façam desde o início admitindo que não sabem tratar desse assunto.

Vou ser muito sincera com vocês agora em relação a esse assunto, muito sincera, por que esse é um tema que preocupa muito, eu recebi a algumas semanas, de fato a cerca de um mês, um e-mail alertando eu suponho que seja um jornalista, uma pessoa que eu não conheço, mas que me perguntava se eu tinha informação, que esse pessoal da Money Camp estava envolvido com lavagem dinheiro de tráfico de droga e essa pessoa que me escreveu passou um link que esta no Youtube, uma matéria que foi ao ar na Band com várias matérias que foram ao ar. A dona desse Money Camp é irmã do advogado daquele Abbadia, daquele traficante, é uma coisa muito séria, extremamente séria, então vocês estejam atentos a isso, esse advogado do Abbadia, que lavou coisa como 20 milhões de Reais na semana anterior me parece que o Abbadia foi preso é uma história horrível, muito cuidado com esse pessoal, pois isso é lavagem de dinheiro.

### 4) Como vem ocorrendo a evolução, em termos qualitativos e quantitativos, da Educação Financeira nas escolas?— Enquanto pesquisadora possui dados confiáveis a respeito?

Faz muitos anos que eu realizo esse trabalho, se vocês considerarem, não existia em português a expressão educação financeira, quando eu comecei a falar desse assunto era uma expressão que ninguém tinha falado em português. Se você considera o que aconteceu de lá pra cá com tudo de bom e tudo de ruim que apareceu, da pra ter uma

dimensão da mudança de como isso tomou. Eu não tenho a menor idéia já a muitos anos de quantas escolas trabalham esse assunto de maneira conseqüente e pontual, o que posso dizer é que pessoas do país inteiro de rigorosamente de todos os estados, existem escolas que trabalham de alguma maneira esse assunto. Não tem um dado estatístico, eu mesma nesse dado momento que estamos falando, tenho procurado desenvolver com uma escola que é meu laboratório, marcos de acompanhamento, ou seja, para que agente possa ter uma maneira de mensurar isso para conter essa picaretagem toda, se você diz que ensina Educação financeira você precisa provar de alguma maneira, então nos estamos justamente criando esses pontos de avaliação para que se possa instituir isso como possível de ser acompanhado pelos pais.

- 5) As escolas públicas, nas quais, na maioria das vezes o poder aquisitivo das famílias é pequeno, como é feita a implantação e desenvolvimento dessa disciplina?

Eu acho possível trabalhar com crianças de baixa renda, é claro que fazendo algumas adequações, por que se é uma coisa que tem ficando muito evidente pra mim no passar dos anos, por que eu trabalho com a realidade das crianças de baixa renda em vários países é que se a criança tem TV em casa os impulsos de consumo são muito semelhantes, o talvez possa ser diferente as possibilidades de alcançar, concretizar esse consumo, aqui em SP eu estou desenvolvendo um trabalho grande com a secretaria estadual de educação para preparação de alguns educadores, professores em paralelo com os pais, um trabalho bastante grande e eu acho que não tem nenhum inconveniente não, eu já fiz vários testes, várias aplicações de material em escolas de renda AAA e ao mesmo tempo uma aplicação em escolas públicas e o resultado é o mesmo. Agora mesmo esse ano, eu escrevi quatro livros didáticos para segundo, terceiro, quarto e quinto ano que serão aplicados tanto em escolas públicas como em particulares. Eu gosto de pensar em Educação Financeira sempre como um assunto multidisciplinar. A maneira como eu trabalho ela é muito específica, muito diferente do que a maior parte das pessoas imagina, o tratamento dele consegue escoar e intrometer-se em outras matérias, mas os conteúdos específicos desses livros ele será aplicado em aulas também específicas de educação financeira, são aulas curtas com conteúdos específicos, eu trabalho muito com conceitos econômicos para que as crianças vão compreendendo a complexidade das relações financeiras e tudo isso e também o desenvolvimento do espírito crítico das crianças em relação ao consumo, a publicidade tudo isso está nos livros.

- 6) Após ter contato com a Educação Financeira a Crianças tem alguma alteração com relação ao seu comportamento com o dinheiro e seus gastos?

No ano passado, eu participei de um congresso na Holanda e um professor da universidade de Buffalo que pesquisa Educação financeira nos E.U.A fez um acompanhamento durante vinte anos e chegou à conclusão que os alunos que ao final do processo sabiam menos sobre Educação Financeira do que quando começaram. Então, é dramático, porque para mim faz todo sentido, conhecendo como os americanos trabalham, fazia todo sentido porque é muito chato mesmo. Eu brinquei com esse professor que o teste que eles aplicaram, eram tão chatos que imagino como fosse as aulas, pois as pessoas acham que se ensinar matemática financeira, se ficar torrando a paciência das crianças falando sobre finanças elas vão aprender alguma coisa e não é assim que funciona é um trabalho muito lento muito suave. De outro lado há pessoas, que acham que agente fez isso e na semana seguinte a criança falou pro pais, isso acontece muito e acontece inevitavelmente alguma coisa que a professora fala e a criança repete para o pai depois isso é um bom sinal, é um sinal que no curto prazo, isso funciona, mas a educação financeira não é algo que deve funcionar em curto prazo, ela precisa funcionar em longo prazo.



- 7) Em sua opinião, uma criança, cujos pais não são aptos a lidar com suas finanças, pode vir a se interessar por Educação Financeira por si própria?

De maneira geral os filhos espelham os desejos dos pais, dos avôs porque agente vem em uma seqüência eventualmente a criança desperta um interesse por um assunto e os pais se perguntarem da aonde sai esse assunto, no entanto uma criança atenta demais, ao dinheiro uma criança que fala o tempo todo em dinheiro que pensa em dinheiro, é uma criança que esta apresentando um sintoma de alguma dificuldade não é natural, pode ser porque exemplo uma criança que tem pais que são desorganizados com dinheiro, irresponsáveis mesmo e essa criança desenvolveu um comportamento de retenção em relação ao dinheiro, ela tem medo que falte dinheiro ela é uma criança que vive em um ambiente de insegurança, pode se tornar avarenta ou uma criança que os pais que dão tanta importância ao enriquecimento, esses pais que adoram esses livros de como ter um milhão antes dos vinte anos, dois milhões essas bobagens todas e que ficam estimulando muito isso nas crianças fazendo uma projeção, eu não tive mais você vai ter e o que acontece que você ver dessas criancinhas de um metro e quarenta parecendo umas anãzinhas preocupadas com dinheiro, dinheiro não é assunto para criança, criança tem muito mais coisa para pensar, finanças não constitui assunto para crianças o que é um assunto para criança é essa base que na vida adulta vai representa uma lida adequada consciente e equilibrada como o dinheiro, então uma criança interessada demais em dinheiro, eu acho que os pais devem se perguntar o que está acontecendo porque eu vejo isso como um sintoma.

- 8) Qual a forma mais simples de se promover a Educação Financeira?

Na escola eu já disse, eu acho que é chamar os pais para ter essa conversa e admitir claramente que a escola não sabe, o mundo mudou muito, o mundo tem mudado cada vez mais velozmente e o mercado de trabalho no mundo inteiro sofreu muitas mudanças. As crianças viveram muito mais tempo do que as outras gerações, a medicina disse que eles devem viver até o cento e vinte, cento e trinta anos, portanto eles vão precisar ter uma capacidade poupadora maior que os pais tiveram, para poder viver com dignidade todo esse tempo, enfim em relação às escolas isso é o melhor que elas podem fazer. Em relação aos pais, me parece que do ponto de vista prático eles devem estar atento a maneira como eles próprios usam o dinheiro.

- 9) Pretendemos demonstrar a correlação entre o ensino financeiro e o consumo racional, visando, sobretudo, destacar que a educação financeira busca fazer com que o indivíduo aprenda a lidar com suas finanças de modo a despertar no indivíduo capacidade de transformar o ato de consumo compulsivo em racional. Como educação financeira infantil pode tornar as crianças, futuramente, adultos aptos para gerenciar as próprias finanças e a contribuir para um consumo racional?"

O fato da criança, ser levada a perceber desde muito pequena às conseqüências das escolhas que ela faz em todas as áreas, não apenas em relação ao dinheiro, vai fazer com que ela se torne um adulto mais atento aos caminhos que ela toma em relação ao dinheiro, isso em primeiro lugar. Em segundo lugar, também o fato da criança ser estimulada desde pequena a encontrar soluções para os problemas dela, fará com que na vida adulta ela seja mais hábil, a encontrar soluções para os problemas financeiros que vem pela frente, como eu disse inicialmente esse não é um processo que acontece em um fim de semana ou um ano ou dois, é um processo de vinte anos e que é baseada sobretudo no exemplo dos pais, se os pais, então são capazes de educar uma criança pra ter uma percepção mais crítica em relação ao dinheiro, sobretudo, e principalmente, para que essa criança

compreenda que dinheiro não é a coisa mais importante do mundo. Ela se tornará um adulto muito mais equilibrado em relação ao dinheiro.

## **APÊNDICE – Entrevista Informal (R3)**

Na ânsia de conseguir mais informações sobre o porquê a educação financeira infantil não é introduzida das escolas, perguntamos ao especialista em Finanças Álvaro Modernell conforme entrevista no apêndice (Q1) onde poderíamos conseguir mais informações a respeito do assunto, o mesmo nos passou o contato da educadora e representante do MEC Professora Sra. Alzira.

O integrante do grupo Marcos Silvério entrou em contato por e-mail em doze de agosto de 2009, três dias depois a senhora Alzira entrou em contato por telefone e seguiu um diálogo informal a respeito da intenção do MEC em introduzir a educação financeira infantil nas escolas.

Muito prestativa e atenciosa, a Sra. Alzira respondeu que este projeto ainda é embrionário e está sendo desenvolvido, contudo sua aplicação não tem previsão para deixar a “prancheta”, isto por ser um assunto complexo, que demanda não só investimentos em conseguir qualificar os professores, a fim de que possam tratar sobre o assunto, mas também o impasse de como este aprendizado seria aplicado - uma disciplina obrigatória na grade curricular ou de forma interdisciplinar. Por conta destes e de outros impasses, embora estejam sendo realizados trabalhos para que este projeto venha acontecer, ainda não se tem uma previsão.

Continuou a dizer que na semana seguinte de nossa conversar estaria viajando para um congresso que um dos temas era a educação financeira infantil, colocou-se a disposição para o que o grupo precisasse sobre o tema, contudo não havia nada de muito contundente e oficial para informar.

Assim, terminado a ligação, não consideramos contar com o MEC para levantamento de material, no entanto como sugestão, uma vez que o assunto não se esgota e não pode ser deixado de lado, é importante para futuras discussões retomar o assunto com o MEC para saber se este projeto deixe de ser apenas uma utopia.